

MINHA PARTE FAVORITA DA VIDA

Fabián Sevilla

ILUSTRAÇÕES DE **Gabriela Piserchia**

TRADUÇÃO DE **Sheila Folgueral**



0000

MINHA PARTE FAVORITA DA VIDA

Minha parte favorita da vida

©2023, Fabián Sevilla, texto

©2023, Gabriela Piserchia, ilustração

©2025, Sheila Folgueral, tradução

Diretor de Publicação, Projeto Gráfico e Diagramação Franz Fontelles

Editor Italo Mesquita

Preparação Mariá Moritz Tomazoni

Revisão Algo Novo Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sevilla, Fabián

Minha parte favorita da vida / Fabián Sevilla ; ilustrações de Gabriela Piserchia ;
tradução de Sheila Folgueral. -- 2. ed. -- São Paulo : Dodô Editorial, 2025.
216 p.

ISBN 978-65-83704-01-6

Título original: Mi parte favorita de la vida

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Piserchia, Gabriela III. Folgueral, Sheila

25-1111

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

2ª edição, 2025



Todos os direitos desta edição reservados à
Franz Demian Editora e Tecnologia Ltda.

Travessa Manuel Evaristo, 449 | Sala 749

Umarizal - Belém /Pa

CEP: 66050-290

franzdemian.com.br

MINHA PARTE FAVORITA DA VIDA

Fabián Sevilla

ILUSTRAÇÕES DE **Gabriela Piserchia**

TRADUÇÃO DE **Sheila Folgueral**





SUMÁRIO

Primeira parte

É ASSIM QUE EU TENHO VIVIDO	6
-----------------------------------	---

Segunda parte

É ASSIM QUE EU MUDO A MINHA VIDA	74
--	----

Terceira parte

É ASSIM QUE EU DECIDI VIVER	172
-----------------------------------	-----

PRIMEIRA PARTE
É ASSIM QUE EU TENHO VIVIDO...

1

CRISTABEL

Meu Deus... Juro que não consigo pensar em uma maneira de me salvar dessa prova! Tento me lembrar de algo que a Comissão de Ética e Cidadania tenha dito sobre o assunto na aula. Mas a minha cabeça está em outro lugar. Não em qualquer lugar: em cristabel_compartilhando_melancolia. É a única coisa em que consigo pensar, e por isso não sei como responder as perguntas até às sete. Se eu não passar, estou encrencada!

Foco, Crista, se concentre neste questionário! Ontem à tarde fizemos mais um ensaio fotográfico com o Mirko. Convertei as imagens para preto e branco em casa; então escolhi o que vou postar hoje. No aplicativo do meu celular, escrevi a legenda (e depois a enviei para ele, que logo me devolveu corrigida), e, assim que puder, publicarei um novo post. Resumindo, em vez de estudar, preparei tudo para realizar o que me propus a fazer quando criei o Insta @cristabel_compartilhando_melancolia.

O que a primeira questão está pedindo? Releio as perguntas sem a menor ideia do que devo responder.

A professora (que não é nada boba) percebeu meu estado de confusão mental e olhou para mim, balançando a cabeça como se dissesse: “Ah, Aguirre, mais um fracasso e você vai...”. Lembro da hashtag mental *FaçaAcreditar-QueDestaVezVocêEstudou* e finjo pensar em como completar pelo menos sete destas malditas dez questões!

Não tem como.

Desisto.

Deixo a caneta cair e sinto vontade de chorar, que sempre fica presa porque já faz tempo que não consigo chorar (ou rir). Aparece a nostalgia? A angústia? A tristeza? Bom, essa mistura de emoções, que desde que completei treze anos se tornou uma espécie de sombra, é a única coisa que consigo sentir.

Decido entregar o questionário em branco.

Não consigo ficar de pé. Uma bolinha de papel que veio de trás cai na minha mesa. Para que a professora não perceba que estou olhando para o que está escrito no papel, finjo coçar a perna.

Mais uma vez Mirko veio me salvar! Via aérea e sem escalas, ele me enviou as respostas; no final, ele me pergunta se tenho tudo pronto para postar hoje no feed. Abaixo um pouco a cabeça para que, lá do lugar dele, ele possa ver que digo sim.

Cubro o salva-vidas de papel com a prova e começo a completar cada ponto com escrita e desenvolvimento

admiráveis (escrevo muito bem, embora com erros de ortografia).

Passaram-se vinte minutos desde o salvamento quando finalmente entrego a maldita prova para a professora. Ela a pega e lê rapidamente, e percebo um ar de surpresa e também hesitação em sua expressão. Eu, o mais calma possível, volto para minha cadeira. Antes de me sentar, dou uma piscadinha de agradecimento a meu cúmplice que, como sempre, deu tudo de si.

Faltam dez minutos para acabar o tempo e muitos ainda estão fazendo a prova. A professora de Ética e Cidadania nunca gostou de mim, mas admito que ela não é tão chata quanto os outros professores, porque sempre deixa quem entrega a prova antes pegar o celular. Hoje é a primeira vez que faço uso desse privilégio. Vou fazer um altar para o Mirko!

A crise que me atingiu mais cedo já passou. No celular, entro na conta [@cristabel_compartilhando_melancolia](#). Duas mensagens chegaram, mas nenhuma solicitação para seguir (comecei isso há dois meses: já são dezesseis postagens, porque faço uma toda terça e outra toda quinta-feira; sigo 3.629 pessoas e tenho 35 seguidores).

Vou para o meu perfil. A foto pequena e redonda, em preto e branco, é do rosto de uma estátua

meio angustiada; abaixo, há minha explicação de por que criei a conta e, no final, em negrito, um esclarecimento: **Não é para emos nem para góticos!!!**

Atualizo meu status: como sempre, coloco ☹️.

Carrego a foto e o texto que criei no meu celular. Publico.

Fico olhando para a tela, esperando receber uma chuva de curtidas ou milhões de comentários na mesma hora. Isso definitivamente não vai acontecer: meus 35 seguidores estão demorando para ler.

Me distraio olhando para a foto que acabei de postar. Em preto e branco, ao ar livre (sempre fazemos as sessões na praça), estou deitada, meio desmaiada, em cima de alguns livros. Minhas pálpebras e minha boca estão fechadas, tapadas com duas tiras de fita isolante em formato de “X”.

Leio a legenda novamente:

cristabel_compartilhando_melancolia eu deveria ter estudado para hoje, para ontem e para o que já passou neste ano todo. Não peguei no livro nem fiz um resumo. Me falta motivação. Na verdade, metade da motivação, porque eu deveria fazer as coisas da escola pelo meu pai. Mas, mesmo amando ele, uma motivação completa incluiria ELA. O que você diria se eu te contasse que não fui aprovada? Você me repreenderia dizendo que é melhor eu conseguir recuperar em dezembro ou não vamos sair de férias? Me aconselharia

a me organizar para que nós três pudéssemos viajar? Se vocês fizessem essas perguntas para uma pessoa que já não está mais aqui, o que acham que ela responderia? Estou ansiosa para ler os comentários de vocês e ver quanto a dor de uma ausência nos torna semelhantes ou diferentes. 💔

#AdolescentesMelancólicos

#NãoSouEmo

#JamaisEscutoMyChemicalRomance

#GenteQueNãoChora

#TristezaNemSempreÉDepressão

#SemVontadeDeNada

#SaudadeDaMinhaMãe

Faltam três minutos para o recreio.

Olho os comentários no post que fiz anteontem.

Certa @alejandra.nadaestaok comentou uma fila de corações, mas não escreveu nada.

Não sei se o outro comentário é de um “ele” ou “ela”, porque tem um nome de usuário indefinido. A pessoa escreveu:

sensatezsemsentimento ter perdido alguém que você ama não é desculpa para negligenciar seu corpo. faça uma dieta, gordinha 😊😊😊

É claro que, entre 35 seguidores, um hater iria se infiltrar. Embora não tenha sido a mensagem que me deixou confusa.

O sinal toca.

Mirko passa por mim e acho que diz “Vejo você no refeitório”. Não entendi. Minha cabeça está longe. Bem, nem tão longe.

Sozinha no curso, releio o comentário.

Aquele “gordinha” no final ecoa na minha cabeça (e me deixa atordoada)...

2

MIRANDA

Ao fundo, toca uma música de ensaio para balé clássico; é uma versão para piano de *Para Elisa*, de Beethoven.

— *Pas couru...* passos mais curtos, Miranda... *Pas couru...* *Grand jeté...* *Arabesque* e eu fico em *relevé*... Estico minha perna para trás... Falta elevação...

— Está tudo certo, Maitresse Durand...?

Diga que ficou perfeito. Não aguento mais repetir essa combinação de passos. E essa música! Está tão alta que está perfurando meu cérebro!

— Não como eu quero! Por que tenho que corrigir uma posição que você domina? Eu preciso que você esteja aqui, nesta sala... No que você está pensando?

— Garanto que estou com a cabeça no lugar.

Minha mente está focada nos meus pés e tendões, que precisam de um descanso. E nas outras meninas que foram embora há quatro horas, sendo que eu continuo ensaiando, como todas as tardes.

— Vamos de novo, Miranda...

— Preciso parar um pouco, está doendo aqui...

Também sinto dor pelas seis horas de aula pela manhã, e sinto dor pelas aulas das cinco às oito com as outras meninas que vêm à academia, e sinto dor por essas exaustivas horas extras sozinha com você, Maitresse...

— Sua cintura está incomodando porque você cai com todo o seu peso, e ela deveria ser uma pena apoiada no chão. Às vezes você parece um avião em queda livre...

Quando será o suficiente? Quando eu me cansar da sua discordância? Quando não aguentar mais e ficar igual a um trapo?

— Um pouco de água e alongamento... A dor passou?

— Um pouco.

— Vamos retomar. Começo com *grand jeté*. Arabesque e fico em *relevé*. Relaxo os braços e fico parada. O que você tem? Eu disse para não se mexer, mas você relaxou o corpo todo...

— O espelho! A cortina que estava por cima acabou de cair. Você sabe que, quando ensaiamos sozinhas, perco o foco se todos os espelhos da sala não estiverem cobertos. Ver meu reflexo é o que me distrai.

Na verdade, isso me lembra quanto eu odeio a imagem que o reflexo forma.

— Já cubri o espelho, Miranda, pode levantar os olhos...



— Obrigada!

— E o que tira você do aqui e do agora é se ver no espelho com essas polainas de lã. Elas cobrem as suas pernas praticamente inteiras! Não são confortáveis, por isso você não consegue fazer algumas combinações...

— Elas são melhores do que aquelas leggings justas. Se estou errando, é porque estou um pouco esgotada.

Não tem nada a ver com isso! Estou exausta! Com os músculos em frangalhos. Os ossos das pernas e dos pés estão só o pó. Mas não quero falar tudo isso. Também não sei dizer por que escondi minhas pernas com polainas.

— Você está assim porque não segue a rotina de academia que montei para você. Esses exercícios poderiam te dar a resistência e a força necessárias para aperfeiçoar suas piruetas e combinações. Sim, elas são cada vez mais complexas, mas aos 13 anos você não espera fazer o que fazia quando começou no balé, quando tinha...

— Quatro anos!

É uma reclamação. Conquistei muitas coisas, mas sinto que, cada vez que preciso levar meu corpo ao limite, meu espírito se desgasta. Posso ao mesmo tempo amar e odiar o que faço desde tão pequena?

— Sem querer, fizemos uma pausa. Deve ter ajudado com o seu problema da cintura. Vamos dar

voltas completas na ponta dos pés. Começando. *Developpé... developpé...* e pirueta. Calcanhares mais afastados do chão! Corpo reto enquanto giro... giro...

— Eu quero parar! Um pouco... Está doendo... todo este pé.

Não é só o meu peso que está sobre o metatarso e os cinco dedos do pé; são essas sapatilhas. Como elas apertam! Um tormento que esmaga meus dedos até eu pensar que meus ossos estão se despedaçando, que meus nervos estão retorcidos, que minhas veias estão prestes a estourar.

— Duas voltas completas e novamente pose em *arabesque*. Chega por hoje. Amanhã vamos focar o equilíbrio, você vai para o lado quando vira. É bom se alongar antes de tomar banho...

— Se terminamos, Maitresse Sara Durand, então...

— O quê?

— Então posso te chamar de mãe novamente.

3

CRISTABEL

Depois do jantar, meu pai ficou na cozinha arrumando tudo. Disse um “até amanhã, pai!” e vim para o quarto.

Em vez de vestir o pijama, fiquei com minhas roupas íntimas.

Estou em pé, de frente ao espelho que ocupa a porta do armário.

Ali está Cristabel Aguirre por inteiro (não como nas fotos que Mirko tira de mim, que são sempre de meio corpo ou close).

A mensagem do tal @sensatezsemsentimento deve ter tocado algo dentro de mim.

Pela primeira vez na vida encaro meu reflexo, sustentando o olhar.

Analiso o que vejo.

Tenho um corpo parecido com um oito achata-do. Minha altura estagnou: aos 14 anos, meço o mesmo metro e cinquenta que aos 12 (minhas colegas são em média vinte centímetros mais altas que eu quando estão descalças). Tenho muito, muito, muito

quadril, dos dois lados. Vou afinando na cintura, e é aí que começa a barriga. Sou bem volumosa na frente e tenho as costas largas.

O cabelo na altura dos ombros é bem escuro. Contrasta muito com minha pele pálida (lembro que *ela* também era muito branca por causa de sua herança romena; dava para ver as veias azuis nos braços e nas pernas dela).

Continuo como uma estátua até que resolvo reagir.

Faço outra coisa que nunca fiz.

De uma gaveta do guarda-roupa, tiro o álbum com fotos de quando ela era criança e adolescente. Já vi essas fotos um milhão de vezes, especialmente quando sinto mais sua falta. Mas nunca mais olhei para elas assim, prestando tanta atenção aos detalhes como faço agora.

Descubro uma coisa.

Meu Deus, não somos cópias uma da outra, mas temos muitas semelhanças!

Há uma foto em especial: a de seu aniversário de quinze anos. Ela está vestida de branco e usa uma faixa na cabeça com pequenas flores brancas. Naquela idade, um ano mais velha que eu, ela era tão baixinha e tinha o quadril tão grande quanto ao meu, tão peituda e de ombros largos quanto eu.

Depois ela deve ter crescido, penso, porque ela era muito alta e bem magra.

Fecho e guardo o álbum pensando que preciso digitalizar essas fotos. Tenho que juntá-las às que guardo na galeria do celular, aquelas em que nós três aparecemos (inclusive a última que tiramos, no jardim do hospital).

Coloco o pijama e me jogo na cama com o celular na mão.

Stalkeio @sensatezsemsentimento. A conta não tem foto ou publicação, tem poucos seguidores e segue muita gente. É impossível saber se é um menino ou uma menina ou quem pode ser (só para conseguir mais seguidores, aceito todas as solicitações de uma vez).

Volto a ler o comentário que meu primeiro ou primeira hater escreveu. Sem querer, meus olhos fixam no termo “gordinha”, que me levou a esse estado de “não sei o que há de errado comigo”. De repente tive a necessidade de procurar sabe-se lá o quê no reflexo do meu corpo e me comparar com ela quando tinha a minha idade.

Eu sempre respondi todos (bem, os poucos) que deixaram comentários em meus posts. E também opino sobre as respostas daqueles que respondem às minhas perguntas.

Agora não sei o que fazer.

Deixo passar, mesmo sabendo que a mensagem tem uma intenção ruim? Ou respondo essa pessoa que se esconde no anonimato?

Pego um chocolate daqueles que deixo guardado na gaveta da mesa de cabeceira. Certas noites, não consigo dormir. Se não como algo doce, morro de ansiedade, e a hora de levantar chega sem que eu tenha pregado o olho.

Enquanto como chocolate com amendoim, decido que vou responder à mensagem.

Parece que meus dedos estão digitando antes que eu consiga pensar no que dizer.

Termino de escrever.

Foi como desembaraçar toda a confusão emocional que estava sentindo.

Antes de postar, reviso se fui clara:

cristabel_compartilhamos_melanconlia___@sensa-tezsemsentimento
minha mãe morreu quando eu tinha acabado de fazer 11 anos. Desde então, e cada vez mais, vivo em um mundo com muito pouco espaço para os outros. É muito difícil para mim criar laços com garotas da minha idade. Não presto atenção nos meninos, exceto em um que é meu amigo desde que éramos crianças. Prefiro a companhia dos adultos pq para a maioria não importa se seu corpo é assim ou assado, e eles não criticam sua aparência (exceto meu pai). Eu me visto sem pensar em como o que visto fica em mim, não uso bijuterias nem maquiagem. Muito menos tento fazer as roupas esconderem meus quilos extras ou os sapatos me deixarem mais alta. Vc sabe pq? Pq estou convencida de que meu corpo e minha aparência são metáforas do estado de espírito em

que venho caindo desde que entrei na adolescência. Acabo de descobrir q sou igualzinha à minha mãe quando ela tinha a minha idade, e isso me ajuda a sentir q ela está um pouco mais presente. Mas seu “gordinha” me ataca porque eu não gosto de ser “gordinha”, já q isso é um reflexo das minhas emoções. Eu te pergunto uma coisa: Vc acha q se eu decidisse perder peso e me visse linda, isso faria eu me sentir melhor? Isso me curaria dos terríveis momentos que tenho? Se vc quiser responder, ok, mas espero q tenha entendido um pouco e que pare com qualquer intenção de me ofender. 💔

4 MIRANDA

—Você só comeu essa salada que sempre traz para almoçar, Miri.

— Não estou com fome, Evelyn.

Nada a ver! Estou morrendo de vontade de comer uma milanesa com batata frita, daquelas que todo mundo come aqui no refeitório da escola. Mas minha mãe cozinha de manhã para mim, para que eu tenha um melhor desempenho à tarde.

— Posso terminar? Não é que eu ame alface com rúcula e ovo cozido, mas tenho que acalmar minha ansiedade comendo qualquer coisa...

— Um pouco de verdura é bom de vez em quando.

Melhor ainda seria um daqueles croquetes com purê de batata do menu de hoje! Para sobremesa, algo com chocolate! Qualquer coisa é melhor do que a dieta que minha mãe me impõe: café com leite desnatado e um mix de cereais no café da manhã, e um punhado de frutas secas para me manter satisfeita até o almoço. E tudo porque ela insiste que eu faça a digestão antes das aulas ou dos ensaios, para chegar com energia e sem ter consumido gorduras.

— Essa comida de tartaruga é uma delícia, hein! Está tudo bem? Você não é exatamente uma pessoa que ri o tempo todo, mas posso apostar que está de mau humor...

— Estou muito cansada, Eve, e de saco cheio.

— Sua mãe está ficando cada vez mais difícil, não é?

— De segunda a sexta são quase sete horas na academia. E aos sábados, dá dez horas até ela dizer “chega por hoje”.

— Pede para ela manear um pouco. Você não é um robô. Se você quebrar, ninguém vai te consertar.

— Ontem eu sugeri que a gente praticasse três vezes por semana e...

— Ela te deu a mesma lição de moral de novo: que, se você quiser ser uma bailarina profissional, tem que se doar mais e mais. Eu conheço esse discursinho de cor, você repete isso para mim toda semana. Eu não a conheço, mas a sua mãe é complicada, hein...

— Me cansa essa história de que ela era solista do balé do Teatro Argentino de La Plata! Ela acha que isso me inspira, mas, no fim das contas, só me faz duvidar se estou dançando porque quero ou para não ser rebelde.

Não suporto mais ela tentando me motivar, me mostrando suas fotos no palco e seus vídeos interpretando papéis principais nos balés mais famosos. Nem ela reclamando de

como encerrou a carreira aos 28 anos porque se casou e de como, depois que eu e minhas irmãs crescemos um pouco, por causa da idade, ela só pôde ser professora.

— A culpa é sua, Miri. Em vez de pôr um fim nisso, você deixa que ela te sobrecarregue.

— E ela nunca está satisfeita. Em casa, meu pai e eu temos que aturar ela ficando brava ou decepcionada porque não faço o que espera de mim.

— Decepcionada? com você!? Se sua mãe joga fotos e vídeos na sua cara, então mostre para ela as medalhas que ganha nas competições de dança desde criança. Eu acho que, na verdade, ela não está feliz consigo mesma, viu...

— ...

— Miri... você está parecendo uma estátua. No que está pensando?

— Que você é minha única amiga. E isso porque somos colegas de sala, ou precisaria fazer amizade com as meninas da academia, mesmo que não me dê bem com elas... O que as outras meninas da sala pensam de mim?

— Opiniões diversas...

— ...

— Nós nos conhecemos no fundamental, e agora estamos no ensino médio. Tem gente que acha legal você dedicar tanto tempo ao balé, e tem aqueles que

não querem nem saber de você porque os professores a usam como exemplo...

— Exemplo...?

— No sábado, o de Educação Física brigou com a gente depois que perdemos mais um jogo de vôlei, dessa vez contra as meninas do Federico Moreno. E ele falou o seguinte: se quisermos vencer, temos que te imitar. Disse que você é um exemplo de como, desde muito jovem, uma pessoa com disciplina decide se destacar na vida e se coloca no caminho para alcançar o sucesso. Eu não liguei, porque te amo, mas algumas meninas provavelmente colaram uma foto sua em uma Barbie e encheram a boneca de agulhas...

— E eu entendo, Eve, porque minha rotina me afasta de tudo. Se ao menos elas soubessem que sair com elas ou ir a uma festa de aniversário é um luxo que não posso me dar...

— É a complicada da sua mãe que não deixa você ir! Mas, sabe, no seu caso... os meninos formam um grupo à parte. É, não me olhe assim. Você já se viu? Você é alta, magra e forte. Todos acham que você é “uma menina difícil”...

— Uma menina difícil!

— A maioria é louca para sair com você ou para que você dê um pouco de bola, mas, como acabei de dizer, você faz mais o tipo “mimimi, caíam fora, meninos”...

— Você sabe que não tem nada a ver...

— Se algum corajoso pedisse, você sairia com ele? Para tomar um sorvete ou ir ao cinema, não sei...

— Eu devo escolher, e escolho ser a bailarina que a minha mãe quer que eu seja. Aquela que vai ser motivo de orgulho quando se tornar profissional. E ela vai contar aos outros como piada quão insatisfeita eu ficava com o meu desempenho em cada ensaio.

— Você dever gostar de pelo menos um garoto. Pelo menos um...

— Galo...

— Você gosta do Galo Canciani!?

— Não, eu falei o primeiro nome que me veio à cabeça para você parar com isso.

Nada a ver! Se eu tivesse coragem, escolheria as duas coisas: atender às expectativas da minha mãe e sair com Galo. Ele tem 14 anos e estamos no mesmo ano porque ele repetiu. Nunca trocamos mais do que duas palavras, mas sempre ouço ele falar umas coisas sobre si mesmo e acho que é simpático.

— O Galo, então... É estranho porque você é disciplinada, responsável, gosta de rotina e, não leve a mal, você é muito monotemática com isso do balé. E ele é completamente o oposto.

Eu gosto disso no Galo! E não vou te contar, Eve. Eu guardo para mim que quero conhecê-lo para que ele possa

me contagiar com o descuido, a audácia, o desejo de ser ele mesmo sem incomodar os outros... Ele parece ter um enorme par de asas para viver livremente.

— Que legal...

— O quê?

— Você ficou paralisada e daí começou a falar sozinha. Você estava falando de alguém que tem asas e as usa para viver em liberdade. Imagino que é assim que você vê o Galo...

— Não tem nada a ver! Eu estava pensando em voz alta sobre... sobre... Eu já te disse: não tenho tempo para pensar em “tóxicos”, como as meninas os chamam...

— Menos o Galo...

Sim, Eve, você venceu. Mas eu não vou admitir que ele é o único garoto em que penso.

5 CRISTABEL

Deixei claro para meu hater que há pouquíssimo espaço para outras pessoas no meu mundo. Posso contá-las em uma mão e ainda sobram dedos: meu pai, Mirko e Arnold Garrick. Cada um me dá algo único, e tenho certeza de que recebem de mim algo que só eu sou capaz de dar a eles. Os outros estão apenas de passagem pelo “planeta Cristabel”.

Conheci Arnold Garrick quando era criança, quando viemos morar neste prédio. Minha mãe gostava muito dele; meu pai acha que é um doido. Acredito que ele tenha uns 70 anos. Ele é como aqueles velhos solitários e excêntricos que você vê em alguns filmes: só sai do apartamento (que fica no mesmo andar que o meu) às segundas-feiras, exatamente às cinco da tarde. Ele faz compras e retorna sempre meia hora depois. Como é ator desde os 6 anos, ele vai ao teatro vestido com terno, peruca e maquiagem, como um personagem de peça.

Eu conheço sua rotina. É por isso que quase toda segunda-feira espero por ele sentada no primeiro degrau da escada. Ele sai do elevador, eu o ajudo

com as sacolas e nós nos sentamos e conversamos, às vezes por um momento, às vezes por até duas horas. Isso é mais divertido do que andar no shopping com as meninas da minha idade ou ir a uma festa do pijama. Arnold sempre me conta histórias sobre sua vida no teatro, e quase sempre se lembra de algo e imediatamente começa a representar um de seus antigos papéis.

Doido ou não, o mais importante é que ele dá à vida um senso de drama que combina muito comigo.

Nesta segunda-feira à tarde, em vez de fazer a tarefa, vou esperá-lo no mesmo lugar de sempre.

Às cinco e meia em ponto ele sai do elevador. Chega envolvido em uma capa imensa, com uma faixa na testa e um chapéu com penas, como em *Os três mosqueteiros*. No rosto, um implante de látex alonga enormemente o nariz. Não sei o que as pessoas que o viram na rua pensaram, mas eu estou acostumada, então não me surpreendo.

— Ah, que bom ver você, madame! — ele me cumprimenta. — Espere aqui por mim, por favor. — Ele deixa comigo as sacolas de compra e entra no apartamento.

Ele volta quase imediatamente, senta-se ao meu lado e me passa o roteiro de uma peça. Então me conta que querem testá-lo para um papel que é o sonho de qualquer ator profissional como ele.

— Cyrano de Bergerac... O grande personagem de Edmond Rostand... Soldado sentimental e poeta com uma paixão impossível... — Ele para de recitar e pergunta: — Você sabe de quem estou falando, minha querida?

Eu, sendo brutalmente honesta, respondo:

— Sim, tivemos que ler a obra para um trabalho. Eu só vi o filme... Talvez seja por isso que fui reprovada.

Ele não me critica (Arnold nunca me critica), mas explica que precisa revisar suas últimas falas.

— Ato cinco, cena cinco — ele declama muito claramente. — Você vai ler as falas da Roxana.

— Aqui, no meio do corredor? Nem que me paguem! Morro de vergonha! — Eu resisto. — Se no fundamental eu nunca tive coragem de fazer parte de uma peça...

— Seria um grande favor, querida, minha memória está se enchendo de lacunas. Se eu esquecesse minhas falas na frente do diretor, jamais me perdoaria. — Pelo gesto dele, sei que acabou de fazer uma confissão, e não apenas um pedido.

Jogo a cabeça para trás.

Vim procurar uma companhia compatível e o pilantra me vem com isso. Mas não posso recusar. Hashtag mental ElePrecisaDeVocêComoMuitasVezesVocêPrecisouDele. Ajude-o.

— OK.

Ele se recosta no corrimão como se tivesse caído no chão, fecha os olhos e, atuando meio mal, faz um resumo para que eu possa entender em que pé está a peça.

— Quinze anos depois da morte do belo, porém estúpido Cristian, a quem você ainda ama loucamente, Roxana, você descobre que fui eu... um soldado brilhante e orgulhoso, mas deformado pelo meu nariz monstruoso... quem escreveu aquelas cartas românticas e poéticas que você recebeu do outro... E eu fiz isso porque sempre te amei em segredo.

Essa Roxana me lembra a mim mesma. Seria coincidência ou o Arnold teria planejado que eu lesse as partes dela sabendo que temos algo em comum?

— Mas, Roxana, é tarde demais para mim. Pois sou velho, e você ainda me vê como seu melhor amigo... — ele continua me contando a história do personagem como se fosse sua própria vida. — Além disso, estou muito ferido. Tudo o que eu disser será minhas últimas palavras antes de morrer em seus braços. — Ele deixa de ser Cyrano para me dar ordens: — Leia alto e de forma clara, pausadamente. Comece onde está o marcador...

Encontro o discurso no roteiro. Suspiro em resignação. Embora queira fugir, já não consigo mais escapar. Então eu leio. Apesar da vergonha (e da habilidade zero de leitura), entramos no ritmo.

— Morrer... morrer com a ponta da espada de um herói no coração... — ele recita, sem pressa e com pausas (ele não é um iniciante). — Sim, eu concordo! Que ironia do destino! Acontece que fui morto em uma emboscada... pelas costas e nas mãos de um lacaio que... tentou jogar um pedaço de madeira em mim! Por não acertar o alvo, nem cheguei perto da morte!

Alguma coisa não bate. Volto a ser eu mesma e comento:

— Que ridículo. Depois de uma coisa dessas, o cara vai morrer com uma pancada na cabeça?

— A causa da morte não é importante, minha querida, apenas que ele vai morrer justamente quando Roxana descobrir que ele a amava em segredo — Arnold diz, meio irritado. — E aquela ferida feita por um simples pedaço de madeira simboliza que ele viveu com o coração partido...

— Isso também não faz sentido...

— Entendo que você não perceba o valor simbólico do pequeno acidente, minha querida. Você é muito jovem para saber o que é ter o coração partido.

Sou tomada por um estado de raiva e me sinto ofendida.

Ele está dizendo que justo eu não sei o que é viver com o coração partido!

6 CRISTABEL

Eu chava que o Arnold me conhecia bem. Não sou um personagem em uma peça, mas tenho direito ao meu monólogo.

— Talvez eu não tenha entendido o símbolo do pedaço de madeira, mas entendi a hashtag mental da Roxana...

— O quê?

— Ela é igual a mim... Quase quatro anos depois de perder minha mãe, tenho vivido momentos de grande tristeza nesse último ano. Vou esclarecer: não é depressão adolescente, de que meu pai tem medo, nem uma das fases do luto, como me disse um dos cem psicólogos a que ele me mandou ir... — Arnold quer me dizer alguma coisa, mas eu não o deixo falar. — Minha tristeza tem um motivo: sinto falta dela, assim como Roxana certamente sente a falta desse Cristian. E sinto falta dela o tempo todo, não importa a hora! — Tenho aquela vontade de chorar que permanece sendo apenas vontade. — Muitas noites tento procurar, mas não encontro uma maneira de

anestesiou a tristeza para parar de pensar na falta que ela me faz, então durmo. — Decido aliviar um pouco o tom. — Em vez de ir ao psicólogo, tento acalmar esse sentimento comendo os chocolates que coleciono na minha mesa de cabeceira. — Aproveito que ele ri e digo: — Essa coisa do chocolate é um segredo entre nós dois, porque papai está me irritando falando sobre meus quilinhos a mais...

— Posso te perguntar uma coisa que sempre quis saber, querida? — Arnold não espera minha permissão. — Por que você não chora? Você carrega uma carga dessas e nunca chora...

— Eu não posso... Não consigo...

— E as conversas de segunda-feira com um velho tragicômico devem ser melhores que sair com garotas ou garotos como você... Quer dizer, passar um tempo com pessoas da sua idade, para aliviar um pouco essa melancolia, nem que seja por alguns instantes...

Pego meu celular. Automaticamente, entro no Insta.

— Faz dois meses que decidi me conectar com pessoas da minha idade, de longe, porque de perto só suporto o Mirko — explico. Pelo gesto que ele faz, sei que não entende. — Procurei uma maneira de me conectar com aqueles que passaram pela mesma coisa que eu para que pudéssemos compartilhar nossas emoções. Claro, sem tentar nos consolar ou curar,

porque não sei como fazer isso e duvido que os outros saibam... O que inclui os psicólogos.

Me aproximo dele e mostro a tela do celular.

— Isso é uma rede social... Uma espécie de pátio de escola, mas na internet. Aqui meu nome é “Cristabel compartilhando melancolia”, e eu sou meio que...

— Quero dizer “uma influenciadora da nostalgia”, mas sei que seria confuso. — Olha, há fotos em que, e você definitivamente vai captar isso, eu retrato a minha angústia, a minha tristeza, o que significa não ter a minha mãe comigo quando sinto que mais preciso dela...

— As fotos são bonitas, mas...

— O Mirko tira para mim... E, olha, cada uma tem a ver com o que eu escrevo. São reflexões, bom, coisas que me inspiram depois de perder uma das pessoas mais importantes da minha vida. E espero que quem veja isso possa comentar o que pensa, compartilhar... Mas não tentar minimizar como muitos fazem, tipo: “Eu entendo você, mas isso vai passar”, porque eles não conseguem me entender e ninguém tem certeza de que o que eu sinto vai passar. Olha... Eu também faço perguntas para que meus... minhas conexões distantes... possam responder...

— Não vou dizer que te entendo, porque realmente não entendo, e não tem nada a ver com estar por fora da tecnologia. Não entendo porque...

Ele não continua. Acho que entendeu quando eu disse que acho um saco que queiram me tirar de onde estou emocionalmente. É por isso que eu o amo: ele nunca me questiona, e agora sabe que tem que continuar assim.

Conto a ele o que pensei em fazer para terça-feira da semana que vem.

— Tenho várias ideias para a foto... Mas vai ser algo que me inspire a fazer perguntas que surgiram depois que vi algumas fotos dela: ela era um bebê chato ou adorável? Como seria a personalidade dela quando tinha a minha idade? Como ela seria como mãe de uma menina de 14 anos?

— E você espera que os outros te respondam ou opinem sobre o assunto. — Ele entendeu como funciona o meu perfil. Mesmo assim, diz: — Sugiro uma pergunta para você fazer, querida...

— Fala...

— O que ela pensaria da Cristabel que compartilha sua melancolia por meio de um telefone? Ao invés de falar sobre isso cara a cara com pessoas reais...

7 MIRANDA

Há uanto tempo você está aí? Se já tomou banho na academia...

— Estou na banheira, mãe. Preciso relaxar.

— Não cochile, você pode se afogar. E, além disso, você tranca a porta!

— Estou olhando o Instagram para ficar acordada...

— Estou falando sério...

— Eu sei que você está falando sério, mãe.

Um comentário engraçado seria uma demonstração de que sua raiva passou. Parece que nunca mereço nada disso de você, especialmente esta noite, por não ter completado aquela combinação de passos do jeito que você queria.

— Deixa o celular de lado um pouquinho e me escuta. No sábado vamos ensaiar à tarde...

Finalmente vou poder dormir um pouco mais num sábado!

— Vou sair cedo. Não sei quanto tempo vou demorar. Tenho uma coisa importante...

— Ia ser ótimo se eu pudesse me levantar ao meio-dia...

— Não, Miranda. Como todo sábado, quero que você esteja de pé às nove. Até eu voltar, você vai assistir a dois dos vídeos que selecionei no YouTube. Quero que estude essas duas solistas...

— Fico entediada vendo outras pessoas dançando...

— Se você quer ser a melhor, tem que estudar as melhores detalhadamente. Tem que descobrir o segredo que as levou a serem consagradas.

Quem você quer que seja consagrada? Você como professora? Ou eu como bailarina? Você nunca me perguntou se eu danço porque gosto ou porque quero ser uma profissional altamente admirada. Você nunca me perguntou se o balé é um hobby ou se meu sonho é me tornar uma “Coppelia” excepcional ou a mais perfeita “princesa cisne”, mesmo que para isso minha vida se reduza a estar presa em uma sala de ensaio.

— Saia da água imediatamente. Seu pai está chegando e vamos jantar.

— Estou saindo...

Saio e, enquanto me enrolo na toalha, aquele desconforto me ataca novamente. Estou chateada por não ser livre, nem dona do meu tempo, nem autorizada a usar meu corpo para outras coisas além de passos, saltos e piruetas. Esse desconforto dói! Eu sei que não deveria, mas ainda quero. No armário de remédios está a tesourinha. Ela me ajuda a dar forma concreta à dor

que não pode ser vista, mas que eu sinto. Preciso deixar uma marca... nesta perna... na parte da frente da coxa. Com o meu pijama, ninguém vai perceber, e amanhã a calça vai cobrir. Eu sei que não deveria fazer isso de novo, mas...

O celular toca. A música é *Dancing Queen*, do ABBA.

— Alô... Quem é?

Não importa quem é. Ligou a tempo de evitar que a dor invisível que reaparece de tempos em tempos se transformasse em uma ferida perceptível... mais uma.

— É o Galo...

— Que Galo?

— Canciani... Seu colega de sala. Entendo a surpresa por eu estar ligando, mas...

— Foi a Eve que te deu meu número, né?

Sim, foi ela que, sem imaginar, me parou a tempo.

— Eu pedi para ela... Bom, você adivinhou. Sim, ela me deu seu número. Disse que vocês estavam conversando e que... Se está incomodada por eu ter ligado, a gente conversa amanhã na escola...

— Não me incomoda. Nada a ver!

Eve se adiantou e acabou me fazendo um favor. Ela fez um favor à minha mente e ao meu corpo: me salvou de outro daqueles impulsos nocivos.

— Não sei como te dizer, Miri, sem que você me leve a mal. Acontece que...

— Pode falar, aí eu decido se fico com raiva ou não.

— É que... se ela não abrisse aquela boca grande, eu... de qualquer forma eu estava pensando em te ligar algum dia ou falar com você durante o recreio ou no refeitório...

— E...?

— Essa situação só tornou tudo mais fácil. Eu sou meio atrevido, mas dessa vez não fui.

— Então...

— Minha mãe e minha irmã acabaram de abrir uma padaria. Dessas em que você pode sentar e tomar alguma coisa...

— Então...?

— Eu sou ruim para essas coisas. Enfim, seja o que Deus quiser: Miri, se num sábado você não tiver nada para fazer, você quer vir conhecer a padaria? O nome é Mil Delícias. A gente pode tomar café da manhã. Pronto, falei!

— Olha, Galo, eu...

— Eu sei, você ensaia...

— Mas não neste sábado...

Você evitou que eu fizesse aquilo novamente, e a Eve também me ajudou: pela primeira vez posso me dar ao luxo de desobedecer a uma ordem da Maitresse Sara Durand.

— Vamos nos encontrar...?

— Um pouco tarde para o café da manhã, mas...
umas onze horas?

— ...

— Galo?

— Eu sempre tomo café da manhã nesse horário
aos sábados. Eu durmo muito! Obrigado por não me
interpretar mal...

— Obrigada a você.

*Se você soubesse, Galo, como eu te agradeço por mui-
to mais que um café da manhã.*

8

CRISTABEL

O golpe de Arnold foi baixo? Sim, foi, porque sua “sugestão de pergunta” para meu próximo post foi intencional e me machucou profundamente. E embora eu não esteja brava com ele, decidi que, por algumas segundas-feiras, vou mandá-lo arrumar um cachorro para passear longe do “planeta Cristabel”.

A mesma coisa vai acontecer hoje com o outro habitante do meu mundo.

Mirko.

Vamos tirar as fotos que vou postar na terça-feira.

Ele ficou imediatamente fascinado quando contei a ideia que tive para o meu perfil, e se ofereceu para ser o fotógrafo oficial e o revisor (“ortotipográfico”, como ele disse) de `cristabel_compartilhando_melancolia`.

Somos amigos desde que eu tinha 3 anos, quando me mudei para o prédio. Eu moro no quarto andar, e ele, no segundo. Fizemos o jardim de infância e o ensino fundamental juntos, e continuamos grudados no ensino médio.

Por que Mirko é o terceiro dos habitantes do meu mundo? Porque somos uma solução mútua: ele sempre esteve ao meu lado, e eu também sempre estive com ele em todos os momentos. Ele é como o irmão legal que eu não tenho.

Já estamos na praça. No caminho, mostrei a ele a foto do aniversário de quinze anos da minha mãe. Conte as perguntas que quero fazer aos meus seguidores (entre ontem e hoje, o número subiu para 38). Expliquei o seguinte: “Quero que essa imagem cubra metade do meu rosto, como se, sem ela, eu fosse só metade de alguém...”.

Ele gostou da ideia.

E agora está arrumando tudo para que as fotos saiam do jeito que eu pedi.

Ele tira várias fotos, de vários ângulos.

— Tá dando certo! — afirma.

Sentados na grama, olhamos as fotos no visor da pequena câmera (ele não usa celular, tem uma câmera digital que o padrinho trouxe de Miami).

Escolho três fotos que atendem ao requisito fundamental: plano médio ou close, sem corpo inteiro. Também dá para ver claramente a foto da menina de 15 anos que minha mãe já foi e o lado direito do meu rosto.

— Você pode estudar fotografia quando terminar o ensino médio, Mirko!

— Já pensei nisso. — Ele permanece em silêncio por um momento, e então me encara. — Nós nunca combinamos o preço para eu ser seu fotógrafo e revisor...

— Não tenho grana. Mas já sei! Meu pai pode te dar uma daquelas viagens que ganha de presente, e você pode ir com a sua mãe e seu irmãozinho em um fim de semana...

— Quero que você seja minha modelo.

Não entendo e dá para notar. Ele me explica:

— Até agora você tem sido a modelo para suas fotos. — Ele destaca o “suas”. — É justo que você me pague posando para que eu possa praticar... Só não tire fotos que expressem suas emoções...

— Não gostei.

Sou direta demais, mas, sinceramente, não gosto da ideia. Sinto a mesma coisa que senti quando Arnold me pediu para interpretar Roxana. Só que agora não por vergonha: a última coisa que quero é bancar a modelo. Realmente não quero!

Hashtag mental DigaAEleQueNãoSePodePostarSelfies, porque ele provavelmente vai ficar ofendido e não vai mais querer ser o fotógrafo oficial.

Mirko interrompe meus pensamentos.

— É justo, eu nunca te peço nada. Você levantou o assunto de me dedicar à fotografia profissional, e proponho que me ajude a encontrar minha vocação.

Estou entre a cruz e a espada.

Devo dizer que sim ou devo permanecer presa ao não absoluto, correndo o risco de que nossa amizade acabe como acontece com muitas outras?

— Bem... — Vou arriscar por ele, e não porque de repente gostei da ideia. — Se você diz...

Ele sorri como sempre faz, desde que somos crianças, quando consegue me fazer concordar com alguma de suas ideias.

Mais animado do que quando estava tirando fotos para o meu perfil, ele compartilha algumas de suas ideias comigo, mas são todas terríveis! Vou ter que sair da Cristabel que sou para me tornar aquela que Mirko vai inventar.

Tento estabelecer limites: nem pagando vou tirar fotos de corpo inteiro, por exemplo. Mas ele me interrompe.

— Eu sou o fotógrafo e você já aceitou. Então...
— Aponta para um canteiro cheio de flores. — Vamos começar lá...

Mirko me dirige. Presto atenção nas fotos em que meus olhos espreitam por cima do canteiro. Meu Deus... *Juro que estou morrendo de ansiedade!* Mas novamente faço o que ele pede, primeiro tirando algumas fotos apoiada no tronco de um pinheiro e depois como se estivesse me escondendo atrás de umas plantas muito altas. Eu obedeco. Tiro mais fotos conforme ele me pede. Obedeco. Fotos. Obedeco. Fotos.

— Pronto! — ele diz, finalmente. Não sei quanto tempo depois, mas parece que se passaram alguns séculos.

— Quero vê-las...

— Não.

— Tem alguma coisa que você não quer que eu veja? — Começo a ficar muito brava (já brigamos várias vezes, sempre sabendo que a raiva duraria apenas meia hora).

Mirko morre de rir, mas percebe que estou ficando brava, então me mostra o visor. Ele revisa as fotos que tirou e comenta “Essa é boa” ou “Essa vai para a lixeira”.

Hashtag Estou Traindo A Cristabel Que Decidi Ser.

Fico incomodada com minhas poses e gestos e com as imagens que não me favorecem. O que mais me impressiona é que em muitas — muitas mesmo — apareço de corpo inteiro.

— Apaga todas! — mando, soando bem séria e desconfortável, que é como de fato me sinto. — Coloca na lixeira ou nunca mais falarei com você!

— Mas eu amei...

— Ficaram horríveis! — Fico brava de verdade. Mirko parece surpreso com minha reação.

Não, ele está é assustado. Tanto que abre uma pequena janela no visualizador e clica em “apagar tudo”.

— Já se acalmou?

— Não. — Continuo brava. — Me mostra, quero ver se você realmente apagou...

Mirko é mais alto que eu. Quando estende o braço, a câmera fica muito alta para mim. Ele está me desafiando a pegá-la como se fosse uma cesta de basquete e eu fosse um jogador pulando para enterrar a bola.

Ele morre de rir porque eu começo a chamá-lo de várias coisas, menos de “bonito”, enquanto tento pegar a maldita câmera com aquelas malditas fotos.

— Algum problema, gordinha? — Ouço a voz de um menino, e fica claro que a “gordinha” da pergunta sou eu.

Não sei se é por sorte ou por compaixão, mas nunca me senti vítima de bullying, seja por causa do meu peso extra, da minha aparência ou da minha falta de contato com outras pessoas. Pode ser que façam o bullying pelas minhas costas, algo pelo qual sou grata. Agora acontece que, em menos de uma semana, todos decidiram me atacar me chamando de “gordinha”!

Paro de pular para ver quem fez a pergunta. A poucos metros de onde estamos, há um grupo de quatro meninos. Eles provavelmente são alguns anos mais velhos que nós, mas as horas que passam na academia fazem com que pareçam mais velhos. Acho que eles têm músculos até nos cílios!

— Esse ladrão roubou sua câmera, gordinha?

Consigo identificar quem fez a pergunta; assim como as outras versões adolescentes do Exterminador do Futuro, ele tem um sorriso meio debochado, e sei que sua pergunta não é um ato de cavalheirismo, mas um reflexo de sua vontade de bancar o machão.

Estou prestes a explicar a ele que Mirko não é um bandido, mas meu melhor e traiçoeiro amigo não deixa.

— Peça desculpas a Crista — ele confronta o menino.

— A gordinha se chama Crista? — insiste o pequeno valentão.

— Não fala assim com ela... — Mirko volta a falar em minha defesa, mas não é como se estivesse colando

em uma prova e simplesmente fosse tirar zero caso fosse descoberto. Aqui, sua vida está em risco!

— E como você quer que chamem seu animalzinho de estimação? Porque Crista parece nome de tartaruga...

— Não, Viggo, é um urso panda — acrescenta outro menino, e todos começam a rir.

Mirko o empurra.

Meu Deus, isso vai acabar mais do que mal, e o jovem Hulk não para!

Temos um problema. Mirko é um desses caras magros que só exercita os músculos dos dedos para virar as páginas de um livro ou digitar no computador. E nunca passou pela cabeça dele que o tal do Viggo é um cara durão: com um soco ele derruba Mirko, e uma gota de sangue sai de seu nariz.

Os quatro cerram os punhos com Viggo. Eu os insulto de cima a baixo e seguro Mirko, que permanece sentado — mas o importante é que está vivo!

Assim como fazem os criminosos (para mim eles são criminosos!), os valentões fogem. Mirko está com dor, mas não consegue parar de rir.

— O projeto de gorila me bateu muito forte, mas eu o deixei com uma dor na mão que ele nunca vai esquecer. Eles foram embora na mesma hora porque sabiam que, se eu chegasse perto, seria pra acabar com eles!

Ele quer me fazer rir.

Mas eu não dou risada.

Ele sabe que pode continuar tentando, mas já faz muito tempo que não consigo rir.

E eu adoro isso nele. Mirko não pergunta coisas como “Por que você não se permite expressar quando acha algo engraçado?”, como me perguntou uma das psicólogas com quem conversei uma vez para nunca mais.

Não sei se ele entende minha tristeza ou melancolia, ou o que quer que seja, mas ele a respeita.

10

MIRANDA

Da janela consigo ver o carro do papai. Ele me trouxe; é meu cúmplice. Se ela chegar em casa e descobrir que não estou assistindo àquelas duas dançarinas no YouTube...!

— Bom dia, senhorita... Desculpe interromper seus pensamentos, mas gostaria de ver o cardápio? Ou já sabe o que vai pedir?

— O que você está fazendo vestido assim, Galo?! Você é garçom aqui?

— Não, eu queria te fazer uma surpresa.

— Sim, você me surpreendeu...

Eu queria continuar vendo Galo usando o avental de cozinha, mas não consigo parar de pensar que meu pai está se divertindo com isso. Ele até inventou uma desculpa para caso ela descobrisse meu ato de rebeldia.

— O avental fica bem em mim, não fica? Especialmente essa parte esvoaçante. Minha mãe me deixou usá-lo (o avental é dela) até que você chegasse. Então vamos continuar. Na Mil Delícias, senhorita, há uma grande variedade de bolos, doces, tortas...

— O que você recomenda?

Não acredito que estou aqui, ouvindo suas palhaçadas. De qualquer forma, é muito difícil parar de pensar que isso pode acabar mal!

— Um brownie de chocolate que eu mesmo fiz... Bom, na verdade foi a minha irmã Sofia, que é confeitadeira profissional, quem fez. Mas eu passei os ingredientes para ela.

— Sem querer ofender, senhor garçom, mas não vou querer o brownie. Me traz um suco de laranja natural sem açúcar...

— E o brownie? Sofia vai me matar se eu disser que você não vai provar. Fiquei pedindo desde ontem à noite para ela fazer. Achei que você ia gostar...

— Certo, então me traz o suco e um pedaço pequeno de brownie.

— Você não gosta de capucino?

— Obrigada, mas não gosto.

É mentira! Eu daria qualquer coisa para tomar um capucino com muito creme, chocolate quente e canela. Me serve num balde!

— Tudo bem, apenas o suco. Já trago, senhorita...

Aproveita, Miri, aproveita. O plano é ficar aqui por uma hora. Você vai estar em casa antes que ela volte. Ela não vai descobrir o que aconteceu e você não vai precisar usar desculpa nenhuma. Seu pai vai sair ileso dessa, e

— você terá se dado um luxo... Nossa, eu realmente sou um nada se considero isso um luxo!

— Aqui está o suco... Se você não me deixar gorjeta pelo serviço rápido... Aqui está o brownie... Vou fazer você lavar a louça... E trouxe um capucino e uma porção grande para mim.

— Obrigada.

— ...

— Me conte, Galo...

— Contar o quê?

— A gente se vê todos os dias na escola, nem conversamos, e você resolve me convidar para tomar café da manhã...

— Sei lá! Eu sempre quis conversar com você, mas nunca tentei. Acho que você já sabe que sou tudo menos tímido. Acontece que na escola você meio que...

— Faço o estilo “mimimi, caiam fora, meninos”. É, eu descobri isso graças a Eve, mas não tem nada a ver. Estou sempre com a cabeça em outra coisa, o que me deixa meio amarga. Essa é a primeira vez que eu... que... que eu saio com um cara, se é isso que chamam de sair. E eu aceitei porque foi você quem ligou...

— Se fosse outra pessoa, você teria aceitado?

— Talvez não...

— Peraí. Meu coração é fraco e posso ter um ataque cardíaco. Você aceitou sair com um cara pela primeira vez porque quem ligou fui eu?

— ...

— Você não experimentou o brownie...

— Não se preocupe, Galo.

Se você não estivesse me olhando, eu já teria comido esse pedaço inteiro, mesmo que me deixe “pesada” para o ensaio mais tarde. Mas tampouco posso menosprezar você; é óbvio que está feliz com tudo que armou. Vou pegar só um pedacinho, para não parecer mal-educada.

— Estávamos falando sobre como estou prestes a ter um ataque cardíaco. Você já percebeu que na aula eu tento fazer com que você me note?

— Para mim você é um bagunceiro. Nunca pensei que fizesse tanto barulho só para chamar a minha atenção. Eu me diverti ouvindo você dizer que se interessa por aviões, e no dia seguinte você disse que é um nerd do multiverso da Marvel, e também, nesta semana, você disse que adora artes marciais japonesas.

— Eu fico muito entediado. Isso de estar sempre interessado na mesma coisa, fazer as mesmas coisas, não mudar... Eu meio que deixo isso para os outros.

— Para outros como eu, por exemplo...

— ...

— Não é ruim fazer uma coisa só e fazer da melhor maneira possível... Desde que seja o que você quer fazer.

Posso dizer ao Galo o que tenho dificuldade de dizer para mim mesma, o que quero muito reclamar com a mamãe e o que não conto para o papai para evitar que eles acabem brigando por minha causa. Minha suspeita era verdadeira: vinte minutos com ele e já absorvi seu descuido, sua falta de controle, seu desejo de ser ele mesmo.

— Se eu te convidasse para sair de novo... quero dizer... com a galera ou onde você quiser... Pense antes de responder: você aceitaria?

— Não sei... E não porque eu não quero. Aos sábados eu ensaio de manhã até a noite. Aos domingos eu durmo e...

Por que não? O que minha mãe pode fazer se eu começar a impor limites? Já tenho 13 anos! Desde que meu pai possa me levar e me buscar, eu posso dizer: “Sim, Galo, vamos!”... Nada a ver! Minhas prioridades são diferentes. Desde criança, ela me programou para fazer as coisas desse jeito, e isso significa sacrificar as asas que Galo pode me emprestar.

Toca uma notificação de mensagem do WhatsApp.

— É a minha mãe...

— Fala para ela vir...

— Tenho que ir!

Não posso dizer a ele que ela mandou eu estar na academia antes de meio-dia e meia, porque hoje vamos ensaiar antes do horário marcado.

— Eu te aborreci? Sou melhor falando à distância?

— Não, Galo, você é melhor de longe e de perto... Mas... Desculpe... Acho que você não entenderia.

Eu também não entendo.

Só sei que fugi de quem eu não queria para encontrar alguém de quem eu realmente queria fugir. E de novo sinto essa dor interior enquanto corro. Mais uma vez, minhas emoções não se acalmam nem mesmo quando entro no carro e peço para meu pai correr. Ela não pode descobrir que, em menos de uma hora, eu descobri como é viver a vida de uma garota que sabe o que quer ser, e não apenas o que deve ser.



11

MIRANDA

Foi como uma fuga de dois assaltantes de banco! Mas cheguei antes dela. Aos poucos sinto a dor se dissipando... Mas sei também que a qualquer momento ela pode reacender... Só agora, que estou sozinha neste lugar que parece uma gaiola, sinto o que aquele tempinho com o Galo me despertou... Alegria? Não saberia definir, ainda que tenha vontade de... Pronto, tirei as cortinas dos espelhos da sala, e não me sinto mal ao ver meu reflexo. Também posso... jogar as sapatilhas na parede! Me dá vontade de dançar assim... descalça. Coloco os fones de ouvido. Da playlist dos anos setenta, ouço Dancing Queen, do ABBA. E começo a me mexer, sem coordenação, sem coerência, sem estética. Também canto aos berros: “Ooh... Ooh... You can dance, you can jive...” Danço e ninguém me corrige, sai do jeito que sai... “Having the time of your life...” Mas no meio dessa liberdade sou atingida pela verdade: desde criança eu tive que frequentar a academia onde ela não é minha mãe, mas minha general... “Ooh, see that girl, watch that scene...” Eu quero, mas não consigo parar de pensar em tudo que estou perdendo e vou perder

por causa dela e do meu medo de enfrentá-la... “Digging the dancing queen...” Eu pulo e rolo no chão e me sacudo de acordo com o que a música me inspira a fazer, porque me sinto livre... feliz... livre... “Digging the dancing queen...” Duvido como nunca se amo ou odeio dançar, já que sou obrigada a fazer isso... “Digging the dancing queen...” O que eu odeio é o balé ou a tal Maitresse Sara Durand-mãe, para quem eu nunca sou apenas Miri...

— Miranda! Miranda! Tire isso dos seus ouvidos...

— Não percebi que você estava aqui. Cheguei cedo e comecei a ensaiar sozinha...

— Ensaiar? Você estava se movendo como se estivesse possuída, gritando como uma louca e dançando como se não soubesse dar um passo. Você está tirando sarro de mim?

— Eu me empolguei...

— Se empolgou? Quer jogar fora todos esses anos de trabalho, de disciplina, de busca pela perfeição? Você sabe de onde eu venho? Você sabe qual é a coisa importante que eu tenho para fazer hoje?

— ...

— Ter certeza de que você vai alcançar o seu grande objetivo.

— Não entendi.

— Hoje foram abertas as inscrições para a audição do Teatro Colón. Eu te inscrevi para ganhar a única

bolsa de estudos que eles concedem anualmente. Assim você vai entrar na escola de balé juvenil do Colón...

— Você deveria ter me contado...

— Estudar lá vai te dar a chance de se candidatar diretamente ao Balé Colón quando tiver 18 anos. E você sabe por que te aceitaram como uma das candidatas mais importantes para a bolsa? Enviei a eles os vídeos das suas apresentações no Jeune Ballet Maitresse Sara Durand... Eles viram o que conquistamos na sua idade...

— Tenho que te agradecer por tudo que tem me ensinado e também por tudo que tirou de mim...?

A conquista é dela como professora; o corpo e o tempo são meus. Embora fale no plural, ela tem orgulho de si mesma. E não deve notar que tenho emoções tão confusas. Posso parar por aqui e contar a ela que não sei se quero ou não ir mais longe. Posso dar um fim a tudo agora... Mas não faço isso!

— Semanas muito mais difíceis estão por vir, Miranda. As outras inscritas são excelentes! De qualquer forma, vamos vencê-las. É preciso ter em mente que, no fim de tudo, há um prêmio. Por meio de audições como essas, suas duas irmãs mais velhas conseguiram entrar para o elenco do Balé Nacional da Colômbia. Elas já estrearam em uma produção de *Giselle*, e não é difícil que uma delas seja contratada como solista para a próxima temporada...

— Eu sei, você repete isso toda vez que eu erro nos ensaios...

— Agora é a sua vez, Miranda. Eu entendo por que você está chorando. Eu também ficaria animada. Sua hora chegou e não vamos desperdiçá-la!

12

MIRANDA

— Você está bem, Miri?

— ...

— A professora de inglês perguntou onde você estava. Eu disse para ela que vi você entrar no banheiro quando o sinal tocou, e ela me mandou te buscar...

— ...

— Você está chorando, Miri? Eu abri a porta...

— Minha mãe me inscreveu para uma bolsa de estudos no Teatro Colón...

— Abra a porta e me conta...

— Desde segunda-feira, as exigências dela têm sido extremas... Ela não percebe que chega um momento em que eu não consigo mais ter coordenação... Eu quero mover uma perna e não consigo dar um passo... E ela grita comigo, diz que tenho que ser excelente...

— Eu não gosto de ver você trancada chorando. Por favor, sai daí...

— Ela consultou um nutricionista. Tenho que seguir uma dieta rigorosa para ficar abaixo de determinado peso e, antes de cada ensaio, ir à

academia para atingir a resistência física de uma profissional. Estou com fome, Eve, e sinto que minhas pernas e meus braços não são meus...

— Se você não sair, vou me pendurar para entrar e te tirar daí, mesmo que tenha que chutar a porta por dentro. Você sabe que eu consigo!

— Conteí para o meu pai porque não tenho coragem de contar a ela. Hoje eles tiveram uma discussão feia no café da manhã. Ele a acusou de ser cruel e ela se defendeu dizendo que, para eu conseguir a bolsa, ela vai me fazer ensaiar 24 horas por dia se for necessário. E se eu reclamar é porque sou fraca.

— Tive que me pendurar para... O que você fez na perna? Larga isso!

— É assim que eu faço para que toda a dor que eu sinto deixe uma marca, Eve. Não sei por que, mas preciso que doa... Não sei se está na minha mente ou no meu espírito... O que me dói sangra e depois cicatriza... Eu preciso que não fique dentro de mim! Que se torne uma ferida que eu possa ver!

— Socorroo! Alguém chama a inspetora, por favor...

— Eu ia esperar chegar em casa para usar a tesourinha, Eve. Não consegui esperar...

— Ajudeeeeem! Estamos presas em um dos banheiros, não conseguimos sair e uma menina está muito mal... Socorroooooo!

—Tinha que fazer isso aqui e agora. Foi fácil, Eve,
eu só tive que desmontar o apontador e usar a lâmina...

13

CRISTABEL

Eu amo, amo, amo meu pai!

Mas o vínculo não é perfeito. Medi a magnitude dos nossos conflitos em uma escala que vai de “leve” a “máximo”. O motivo sou sempre eu, e o cenário habitual onde cada briga acontece é na cozinha. Costuma começar durante o jantar ou depois dele; é quando conseguimos nos encontrar: ele trabalha o dia todo de segunda a segunda (tem uma agência de viagens que vende passagens para qualquer lugar do mundo, além de passeios turísticos pela cidade). Esta noite, definitivamente vamos direto para um dos conflitos de magnitude máxima.

Desde que a mamãe morreu, ele ficou responsável por preparar o jantar. Acho que é sua maneira de me compensar pelas longas horas que passa trabalhando, porque ele não está comigo nos fins de semana. Deixo-o cozinhar: ele gosta e é bom nisso (ao contrário de mim, que queimo até a água do macarrão).

Hoje ele fez milanesa. Enquanto comíamos, do nada ele mencionou que, desde que a mamãe partiu, nunca mais viajamos.

— Tem um feriado prolongado na última semana de outubro, Crista. Vamos fazer uma viagem só de pai e filha? Você escolhe o lugar — sugeriu ele.

Eu recusei.

Ele insistiu em listar lugares para ir e o que poderíamos fazer juntos.

Continuei convicta no não absoluto.

Um conflito de alta magnitude começou.

Meu pai me perguntou:

— Você tem medo de se divertir e esquecer por alguns dias da Cristabel que joga sal nas próprias feridas?

Para quê!

Eu intervim com:

— Não seja sarcástico quando quiser me dizer alguma coisa.

Ele olhou para mim e retrucou:

— Às vezes acho que você é mais um personagem do que uma pessoa, e eu quero que minha filha seja uma pessoa.

Levantei da mesa gritando que realmente sinto tudo que sinto, e que minhas emoções não são birra.

Então, corri para o meu quarto. Fiquei deitada de bruços na cama, depois andei de um lado para o outro, sentindo vontade de me esconder no guarda-roupa (não sei por que, mas juro que esse pensamento passou pela minha cabeça).

Não sei há quanto tempo estou neste quarto. Sinto como se mil espinhos estivessem cravados em mim. Não aguento mais isso.

Saio do quarto e vou para a cozinha.

Meu pai já lavou toda a louça. Está sentado ali como se soubesse que eu voltaria.

— Por que o que acontece comigo faz você pensar que sou uma personagem e não uma filha de verdade que sofre por crescer sem a mãe? Por quê...?

Ele responde pegando o celular.

O conflito atinge seu ponto máximo.

De onde estou, consigo ver que ele está em @cristabel_compartilhando_melancolia.

Não sei como ele descobriu. Com certeza criou um perfil falso para me seguir e verificar o que estou postando (ele não é bobo).

Chego um pouco mais perto dele. O suficiente para confirmar que o feed de hoje está na tela. E, como se eu não soubesse o que escrevi, ele lê a legenda para mim.

No final, me pergunta, como se estivesse confuso:

— O que é isso que você escreveu? Que muitas vezes eu dei a entender que me incomoda que você seja gordinha, que você não deveria se preocupar em ter a aparência que eu suponho que qualquer garota da sua idade gostaria de ter. E você está perguntando sobre o

que a sua mãe diria porque sente que, em vez de te aceitar, eu te questiono? E o que mais me preocupa é que — ele lê novamente, em voz alta: — “Mesmo que algumas pessoas, inclusive meu pai, me resumam a uma menina gordinha, baixa e descuidada, não vou fazer nada para mudar quem sou... A ausência dela me impede de fazer isso, porque meu pai não é motivação suficiente”.

Ele olha para mim com os olhos vermelhos. Então, quer saber:

— Foi você mesmo que escreveu isso ou existe uma Cristabel paralela? Não entendo por que você vê minha preocupação como uma ofensa ou por que tem que fazer perguntas a alguém que não está mais aqui pelo Instagram.

Preciso sair da cozinha, mas ele levanta a voz e me impede:

— Vamos buscar ajuda, Crista. Por mais que eu queira, não posso te ajudar. Como sabemos que você não está com depressão? Ou qualquer outra doença que afete emocionalmente...?

Ouvir isso me deixa mal. Eu sei de cor os sintomas da depressão na adolescência (eu li na internet) e garanto que não estou louca.

— Eu fico mal porque sinto cada vez mais a falta dela, preciso dela cada vez mais. Não preciso de um psicólogo para saber o que é melancolia...

— E escrever essas coisas para os outros lerem vai curar sua melancolia? Você acha que vai superar o que te deixa assim se isolando da vida que uma garota da sua idade costuma viver? — Ele não me deixa falar porque sabe que vou retrucar, então dá a sentença: — Encontre algo que te aproxime do que é saudável. Que expanda a caixa em que você se trançou e te faça pensar mais no hoje em vez de em como as coisas eram, ou então...

— Ou então o quê? — eu grito.

— Vamos fazer terapia juntos para termos certeza de que na terceira sessão você não vai soltar a mão de quem tem ferramentas para te ajudar, para nos ajudar. E isso não é uma sugestão, é uma ordem que estou dando como pai...

— E se eu não escolher nenhuma das opções que você está impondo?

— Não sei. Eu posso começar tirando o seu celular ou o seu laptop para que você pare de postar essas fotos e esses depoimentos que não te tiram do lugar. E já que você disse em um post que Mirko tira essas fotos, posso te proibir de encontrar com ele. Que fique claro: até você completar 18 anos, eu sou o adulto aqui!

14

CRISTABEL

A briga terminou com um ultimato há uma hora.

Estou me revirando na cama, sem conseguir dormir. Eu me esforço para encontrar dentro de mim o que estou procurando e o que vai me ajudar a acalmar essa nova angústia da qual não preciso.

Ouçó um barulho.

Vem do quarto do meu pai.

Eu me levanto e saio pisando em ovos.

A porta está entreaberta e o abajur está aceso. Assim eu consigo vê-lo: sentado na cama, com as pernas cruzadas parecendo um nó, ele aperta o retrato com a foto dela contra o peito (nós tiramos quando fomos para a Disney).

Os barulhos que eu tinha ouvido eram o choro dele.

Papai sente a mesma coisa que eu, sente tanta falta dela quanto eu.

Eu entendo imediatamente.

Sua preocupação é séria. Ele não quer que eu me comporte como um adolescente ideal porque tem vergonha de mim ou porque quer arruinar minha

vida. Ele também está sofrendo e, com suas críticas, está apenas querendo impedir que eu sofra como ele.

Eu corro e me jogo em seu colo.

Eu o abraço.

Nós nos abraçamos.

— Sou um fracasso como pai? Não consigo falar com você, não é? — Sua voz está muito triste.

— Você é minha parte favorita da vida — digo; é algo que vem da minha alma.

Ele chora sem se conter. Não posso chorar com ele. Em vez disso, falo:

— Já escolhi uma das duas opções que você me deu...



SEGUNDA PARTE
É ASSIM QUE EU MUDO A MINHA VIDA

15

MIRANDA

— Miri, só seu pai está na sala de espera...

— A minha mãe não quis me acompanhar. Eu te disse, Verônica, que não era uma boa ideia fazer uma sessão só com nós três...

— Eu precisava falar com vocês como família. É por isso que a semana passada foi terapia de grupo.

— Sim, mas você viu como terminou! Ela discutiu com meu pai, insistindo que o que ela faz é o que qualquer mãe faria pela filha, mas não disse que, quando estamos na academia, ela esquece que é minha mãe. Foi assim que eles brigaram na frente do diretor quando ele disse que a psicopedagoga solicitou que eu recebesse ajuda psicológica por causa... daquilo que aconteceu no banheiro da escola.

— No entanto, ela concordou em deixar você fazer terapia...

— Você sabe por que, Verônica? Ela fez um acordo com meu pai: eu posso fazer terapia se as sessões não interferirem nos ensaios para a audição. Miranda Lázaro Durand deve ganhar a bolsa de estudos, e ela

não se importa se minha cabeça está um caos...

— Ela pode estar em negação, algo que terá que resolver com outro terapeuta. Estou trabalhando com você e estou preocupada que você também esteja se recusando a participar. Quer dizer, talvez esteja na hora de contar a ela o que você tem omitido...

— Eu preciso falar sobre o momento em que ela viu que eu tinha me machucado?

— É a primeira vez que você dá nome ao que aconteceu. Até agora você estava se referindo a “o que eu fazia na escola” ou “o que eu fazia no banheiro de casa”.

— Isso é bom ou ruim?

— Eu diria que é saudável, porque significa que você tem senso de realidade. Em vez de apagar da memória ou decidir não abordar o assunto nas sessões, você tem consciência do que aconteceu. Nomear nossos comportamentos significa aceitá-los e, assim, fica mais fácil encontrar maneiras de confrontar as razões que os causam. Não estou te julgando, Miri, estou sinalizando que é necessário que falemos sobre isso diretamente, quanto você quiser e puder, mas usando todas as palavras para que não seja algo que simplesmente aconteceu...

— Que ódio!

— Do que você tem ódio?

— Eu odeio minha mãe e odeio a mim mesma...

— E por que você a odeia?

— Ela me obriga a ser o que não quero. Não quero acabar como minhas irmãs: hoje elas são o que ela quis. Ela nunca perguntou se era o que as meninas queriam...

— Você não quer ser profissional como elas...?

— Eu quero ser eu mesma...

— Uma Miri que não quer dançar...

— Nada a ver! Não quero ser uma Miri que precisa dançar, e sim uma Miri que quer dançar porque sabe se ama dançar ou se só faz isso porque, desde criança, tudo passa pelo movimento de seus pés e suas pernas, pela posição de seus braços...

— E por que você odeia a Miri? Se tem certeza de que está procurando uma resposta para te ajudar a tomar uma decisão...

— Porque ela não consegue falar o que sente para a mãe. Não consegue dizer pra ela que se sente sujeita aos seus desejos, e não aos de Miri. Ela não consegue admitir que isso lhe causa uma dor horrível aqui dentro, e que não demonstra o que sente porque é uma covarde...

— E ao machucar Miri, você a machucou também...

— Eu me sinto livre dançando secretamente do meu jeito, me movendo de acordo com o que a música me convida a criar, e não com o que me mandam fazer. Mas não é o suficiente...

— Você está procurando liberar essa dor de outra maneira...

— Machucando meu corpo. Às vezes penso que, se eu não tivesse um corpo, ela não teria poder sobre mim... Não teria meios de me manipular...

— Mas você tem um corpo, como todo mundo, e não é sua culpa se você não ousa assumir o controle e dizer à sua mãe que o que ela quer não é o mesmo que você quer... As feridas que você causa em si mesma não substituem o que você poderia expressar com palavras...

— Não posso!

— Acho que você coloca toda a culpa no seu corpo porque ele não consegue se defender, e, ao machucá-lo, você recupera o controle que deu a sua mãe.

— Não sei, me diga você. Você é a psicóloga.

— Vamos continuar trabalhando nisso nas próximas sessões. Mas, como recomendação terapêutica, peço que você procure fazer algo em que possa dedicar seu corpo a outra coisa.

— ...

— Algo que tenha a ver com arte. O corpo está completamente envolvido em qualquer atividade artística. Não dá para separar em partes, como você faz quando se machuca: pernas, pés, braços. E já que sua mãe não vai interferir nessa atividade, talvez ajude você a recuperar o controle do seu corpo, da

sua mente, da Miri por inteiro... É uma maneira de começar a amar Miri como um todo.

— E quanto tempo você acha que posso dedicar a isso? Papai não tem mais como se comprometer...

— Com o seu consentimento, vou ligar para sua mãe e explicar que o pedido da escola para que você faça terapia deve ser atendido. Se ela se recusar a te dar tempo para o que eu recomendo, pode haver complicações, porque ela estaria me impedindo de fazer o que acho melhor para o seu tratamento.

— Espero que...

— Não se preocupe. Apenas dedique-se a encontrar uma atividade que ajude o lado saudável da Miri a aparecer...

16

CRISTABEL

Pesquisei no Face e no TikTok. Mas foi o Insta, responsável por causar o conflito de magnitude máxima e a sentença do meu pai, que me mostrou a alternativa. Eu não gostei, mas escolhi porque, de acordo com o endereço que apareceu no anúncio, era perto de casa.

Liguei para o número do anúncio. Uma tal de Brunela atendeu. Pedi que me contasse um pouco sobre o projeto, e ela logo me disse para ir até lá um pouco antes das seis da tarde, para que pudesse me explicar o que eu queria saber.

Ontem à noite mostrei o anúncio do Insta para o meu pai. Juntos, lemos os comentários e procuramos avaliações dos usuários sobre a proposta.

— Acho que é uma boa opção para sair do isolamento, mas vamos ver se te ajuda a se livrar dessa tristeza — comentou ele.

Ele não queria que eu fosse sozinha, então, pela primeira vez em anos, fechou a agência por algumas horas para me acompanhar: ele queria ter certeza de

que eu estaria em um lugar seguro, então iria me esperar no bar do outro lado da rua.

E aqui estou. Cheguei um pouco atrasada, mas Brunela não diz nada.

Ela é bonita, muito bonita. Não é muito alta, mas tem boa altura para os 24 anos que me disse que tem. A calça jeans apertada e a camiseta que diz “KEEP CALM AND RIDE ON” revelam uma silhueta que parece ter sido cortada com tesoura; é óbvio que ela nunca fez dieta.

Será que seus cachos castanho-claros são naturais? Não sei, mas combinam perfeitamente com os olhos cor de mel, a pele bronzeada e o sorriso que diz “Se eu não sorrir, não existo”.

Ela também é extrovertida e confiante. Enquanto me leva por um corredor, me chama de Crista e me pede para chamá-la de Bru; então comenta que esta era a casa dos avós dela.

— Eles as chamavam de casa-linguiça. Todos os quartos, a cozinha compacta e o banheiro têm vista para o pátio.

Entramos no que antes era um pátio com uma galeria coberta, que ela tapou com uma chapa metálica para transformá-la em oficina. Deixou uma parte descoberta para que a luz natural pudesse entrar. Caixas de madeira estão encostadas em uma parede,

com plaquinhas indicando os materiais e as ferramentas que cada uma contém. Para onde quer que eu olhe, vejo mesas e bancos altos.

Algo me assusta.

Dois meninos e uma menina estão sentados no meio da oficina, todos mais ou menos da minha idade. Parece que estavam me esperando, principalmente pela maneira como me olham.

— Meus amores, essa é Cristabel... Crista — Bru avisa. — Assim como o Ta e a Miri, ela está começando hoje... Bom, se ela quiser voltar mais tarde... — Ela ri por cima do sorriso.

Vou fugir antes de passar um minuto com essa galera. Não, Crista. Hashtag mental EuPrometiAoMeuPai. Você tem que ficar.

— Meu nome é Lionel. Sou fas-ci-na-do por gatos e Frank Sinatra, e sou kpopper, mas se me der assunto eu falo sobre qualquer coisa, mesmo que eu não saiba muito sobre — um dos meninos me diz, meio sem respirar; ele é baixo como eu, mas um pouco mais magro e loiro.

Silêncio no ambiente.

Bru sinaliza para o outro menino, que está com o braço engessado, para que ele se apresente. É enorme! Muito alto e bem gordo, embora as mangas curtas deixem duas partes dos bíceps expostas. Ele não quer se apresentar ou fica tímido porque também é sua primeira

vez aqui. O problema é que ele me observa sem dizer nada. Lionel, sentado ao seu lado, dá uma cotovelada no estômago dele.

— Meu nome é Tadeo. — O menino reage e aponta para o loirinho. — Mas ele me chama de Ta e eu me acostumei.

— Sou a Miri — diz a menina.

Ela tem um físico harmonioso e está com o cabelo preso em um rabo de cavalo. Parece séria? Desconfortável? Deslocada?

— Sente-se onde quiser, Crista. — Bru traz um banquinho e fica um pouco mais alta que a gente. Decidi me afastar dos outros um pouco para não chamar a atenção. — Na vida é sempre preciso começar de algum lugar — diz a dona da casa. — E vamos começar compartilhando por que vocês chegaram aqui, meus amores...

17

CRISTABEL

Certeza que Lionel vai falar primeiro. Como se pudesse ver os olhos de todos ao mesmo tempo, ele explica que vem a esta oficina há algumas semanas. Então, sem parar para respirar, detalha:

— Eu vou ao teatro e à salsa. Estava faltando algo que tivesse a ver com artes plásticas, e me apaixonei por essa aula. — Ele finge estar com ciúmes. — Eu era o único aqui até hoje... Vocês vieram acabar com meu romance com a Bru...

Brunela e ele compartilham risos que mais parecem um código entre os dois.

Silêncio de novo. Cabe a mim, a Tadeo ou a Miri falar. Mas somos o oposto de Lionel!

É por isso que ele dá uma cotovelada no estômago do grandalhão, que reage automaticamente.

— Eu vim porque ele me convenceu. — Tadeo usa o braço engessado para indicar o menino loiro ao seu lado. — Quebrei o pulso, senão estaria na academia — diz ele num acesso de brutal honestidade. — Sou uma negação para desenhar e pintar!

Mas Lio é daqueles que enche o saco até conseguir o que quer...

Parece que com essa apresentação ele encorajou Miri a mudar a atitude — ela estava a quilômetros de distância do workshop, como percebi quando cheguei.

— Você disse que faz salsa, Lio. Eu também danço. E estou aqui para... — Ela se cala. Parece estar debatendo consigo mesma se deve dizer a verdade ou inventar uma desculpa. Então, completa dizendo o que eu ia compartilhar: — Por sugestão da minha psicóloga.

Como um efeito dominó, eu me animo a falar.

— Eu sou o oposto: vim para esse workshop por obrigação. Estou condenada a fazer algo ou terei que voltar para a terapia. — Não consigo acreditar no que disse. Juro que não vou mais abrir a boca pelo resto do encontro!

Brunela faz uma revisão:

— Ta diz que o trouxeram aqui. Você, Miri, veio por sugestão da sua terapeuta, e a Crista, porque a alternativa seria ir a um psicólogo, como se estivesse sendo mandando para a força! Lio quer ampliar seus horizontes artísticos... — Ela bagunça o cabelo para parecer enrolado. — Todos nós temos motivos para estar aqui...

— Qual é o seu? — pergunto, porque sinto vontade.

Ela aprecia a minha curiosidade.

— Meus pais queriam que eu estudasse para ser advogada, médica ou contadora... Um diploma, seja lá do que fosse, mas um diploma! Eu não dei ouvidos a eles e decidi me tornar cenógrafa... Vocês sabem quantos cenógrafos conseguem trabalho neste país?

Lionel e Tadeo riem, mas nem Miri nem eu damos um sorriso sequer.

— Mas não perco a esperança de que um dia serei contratada por um teatro ou para fazer o cenário de um filme — continua Brunela. — Mas, até isso acontecer, eu coordeno esse espaço...

— Não é uma oficina comum — ressalta Lionel. — É novidade... im-pre-vi-sí-vel!

Ela o imita:

— É im-pre-vi-sí-vel! Porque eu sou totalmente a favor da liberdade e estou de saco cheio de tudo ser ordenado. Eu chamei de... — ela desenha aspas com as mãos — “Oficina de criação artística livre” porque nunca saberemos no que cada encontro vai dar. — Olhando para nós, ela acrescenta: — Não se assustem, meus amores! É mais ou menos assim: primeiro falamos sobre algum assunto que nos interessa ou sobre qualquer coisa que gostaríamos de discutir. Depois — aponta para as caixas —, vocês escolhem os materiais que desejam usar para criar o que vier

à cabeça, tomando como ideia o que conversamos. O que acham?

— Tenho a mesma opinião do primeiro dia... I-no-va-dor! — diz Lionel, parecendo muito tranquilo e despreocupado.

Tadeo e Miri não parecem animados, mas digamos que Brunela conseguiu convencê-los a pelo menos tentar. Para mim é a mesma coisa: sou forçada a estar aqui e, se ficar entediada, tenho que encontrar outra alternativa.

Brunela se levanta e caminha pela bagunça que fizemos pela forma como nos sentamos.

— Quero que cada um diga uma palavra que acabou de ouvir do outro — ela manda. — Não tem problema escolher uma que eu disse... Mas tem que ser rápido! Não pensem muito...

— Psicóloga! — Lionel grita, revirando meu estômago.

— Im-pre-vi-sí-vel! — Tadeo imita a silabação do loirinho.

— Liberdade — diz Miri sem muita sutileza e sem quebrar a corrente.

É a minha vez. Não me lembro de nenhuma palavra. Todos me olham. Acho que estou suando. Fica claro que eu não estava tão atenta. Mas vejo Tadeo e, de repente, algo que ele disse me vem à mente.

— Negação. — Me ouvir dizer essa palavra é como usar uma broca em algum nervo, porque faz meu corpo inteiro tremer.

— Continuar. — A voz de Brunela me tira desse pensamento. — Eu também escolhi uma palavra, porque vou criar com vocês. — Ela se aproxima das gavetas com plaquinhas. — Meus amores, venham buscar o que acharem melhor para criar algo inspirado por sua palavra... Pode ser um desenho, algo no estilo Michelangelo, uma figura de argila ou massinha, uma colagem... O único limite que temos é a nossa criatividade!

18

CRISTABEL

Hashtag FazQualquerCoisaEFoge. Vou dizer ao meu pai que prefiro fazer outra atividade.

Neste momento quero escapar.

Escolho uma cartolina preta das gavetas e pego uma caixinha com algumas cores.

Vou ocupar uma das mesas pequenas.

Não sei por que, mas decido mudar: deixo os lápis de lado e pego giz colorido.

Bru está me observando. Ela vai até a pequena cozinha e volta com um copo cheio de água. Coloca-o na mesa e me explica:

— Giz molhado sobre papel preto... Saem coisas lindas com essa técnica! Espero que a palavra “negação” inspire você a fazer algo bem colorido. Você também pode criar algo bonito usando apenas o branco... Mas, se há tantas cores, por que se limitar a preto e branco? — Quando diz isso, ela sai para ver o que os outros estão fazendo.

Fiquei parada feito um bloco de cimento. Ela pode ser uma das minhas seguidoras e saber sobre

as fotos em preto e branco que eu posto? Duvido que meu pai tenha contado para ela; eu apenas disse que estava indo para uma oficina de arte, sem dar o endereço ou o número de telefone.

Mergulho um pedaço de giz branco no copo. Estou pronta para fazer algo sobre minha negação — bem, pelo menos sobre a palavra. Meu Deus... *O que posso desenhar? Por que não escolhi outra palavra? Pense em alguma coisa, Crista!*

Negação em chorar, porque chorar não serve para nada. Penso em fazer alguns olhos, mas em branco eles parecem olhos de zumbi, então troco o giz por um verde.

Negação em rir, porque não há nada pelo que valha a pena rir. Desenho uma boca fechada em branco, porque lábios são vermelhos.

Negação em parar de sentir saudade, porque tenho medo de me esquecer das coisas. Como usar o giz para representar o medo de deixar de sentir saudade? Pronto... com amarelo eu crio balõezinhos como nuvens, e dentro deles eu desenho algumas lembranças.

Negação em ser de outra forma, porque já estou me acostumando a ser assim. Sai algo parecido com uma barata, porque é um inseto que incomoda.

Negação em subir um degrau para passar para outro nível. Por que estou pensando isso? Não sei, mas saiu bem parecido com uma escada mesmo. Mas sinto

que falta alguma coisa, então desenho passos em cada degrau , até chegar ao topo.

Verifico o que fiz na cartolina. Eu cobri todo o preto! O colorido está incrível. De repente percebo que Miri e Lionel estão atrás de mim, olhando para esse “não sei o quê” que fiz com giz molhado.

— Gostei de como você misturou as cores — diz Miri, um tanto apática, mas limpa com o dedo uma mancha de giz que tenho na bochecha.

— Precioso! — O loirinho não finge, parece que gosta mesmo.

— Vamos ver o seu — peço a ele, e no mesmo momento me arrependo: Lionel tinha escolhido a palavra “psicóloga”.

Ele coloca um chapéu feito de papelão. Está cheio de franjas e bem colorido.

— É assim que eu fico quando saio de algumas sessões... E-xaus-to!

Bru e Ta ficam tentados a rir. Até Miri, que parecia tão fora de si, solta um riso. Sou a única que assiste à criação de Lionel sem demonstrar reação. E fico assim enquanto ele anda como se estivesse em um desfile de moda, descrevendo o chapéu com palavras inventadas que soam francesas.

— São oito e meia, meus amores — Bru diz, e me faz perceber há quanto tempo estou aqui. —

Podem levar suas maravilhas ou deixá-las aqui. Eu deixo nesta sala sem mostrar para ninguém. — Ela poderia ter escolhido algum dos outros novatos, mas teve que fixar seus olhos cor de mel em mim. — Te vejo na próxima reunião, Crista?

Olho novamente para a “negação” que acabei de fazer na cartolina que antes era preta.

— Não sei — respondo depois de alguns segundos. — Vou pensar — acrescento, sem saber se estou sendo honesta...

19

CRISTABEL

Depois do primeiro encontro na oficina da Bru, meu pai me deixou em casa e voltou para a agência. Eu ainda tinha que postar porque essa é a rotina: meus seguidores (que aumentaram para 41) esperam algo novo no perfil.

Carreguei a foto que tinha escolhido dentre todas as que Mirko e eu tínhamos tirado na tarde de ontem e depois copieei e coleii o texto da legenda.

Mas, no último minuto, decidi não publicar.

Pode ter sido a ideia de o meu pai dar uma olhada no Insta e, ao ver o feed, começar mais um conflito de nível máximo.

Ou talvez seja porque, desde que saí da oficina, não parei de pensar na minha negação — bem, no que criei a partir da palavra. A princípio fiquei confusa, porque não sabia se o desenho seria preto e branco (como as imagens que eu posto na minha conta), mas acabou sendo uma mistura de cores; algo sem sentido que, no entanto, foi apreciado pelos outros. E eu aceito; naquele momento também não conseguia decidir se tinha

gostado do desenho ou se sentia um pouco de orgulho por ter feito algo diferente, novo, inesperado para mim.

Decidi fazer essa postagem hoje, terça-feira, assim que voltei da escola. Mas deixei para fazer à noite porque resolvi voltar para a casa da Bru.

Não sei que maldito ímã está me levando de volta para a oficina. Acho que descobri que passar tempo com gente da minha idade não é venenoso? Percebi que gosto do jeito que a cenógrafa é e pensa? Foi bom não ter sido criticada pela palavra que escolhi, ou pelo não sei o quê com giz molhado que fui inspirada a fazer?

Há algo errado comigo, porque estou chegando propositalmente meia hora mais cedo.

Bru gosta de me ver novamente. Ela está usando um macacão cheio de manchinhas coloridas e óculos de proteção, e segura um dispositivo parecido com um maçarico em uma das mãos.

— Crista, você me pegou no meio de uma obra! Venha, quero sua opinião — ela diz, e vamos para um dos cômodos da casa.

Ela me explica que, além da oficina, ela “vende sua arte” fazendo maquiagem artística (o que paga muito bem, porque muitas pessoas a contratam para pintar o rosto de convidados de festas e aniversários temáticos). Ela parece orgulhosa quando diz:

— Desenvolvo minha faceta de artista boêmia dedicando-me à pintura corporal.

Sei do que ela está falando, já vi várias fotos de corpos pintados no Insta.

Meu Deus... não acredito! Nunca vi alguém nu, mas no quarto há uma moça que parece pronta para entrar no chuveiro.

Mas a surpresa passa rápido.

Primeiro, porque percebo que ela não está nua: está usando uma malha muito, muito justa, que vai dos pés até o pescoço.

Segundo, porque descubro que a menina é uma pintura viva!

No notebook que está no chão é possível ver a foto de uma selva. E Bru, com aquele maçarico (um “aerógrafo”, como ela me explica), pinta galhos em um dos braços da moça. Eu ando em volta dela e ela nem se move, parece um manequim. Olho para todos os detalhes que Bru pintou em seu corpo: descubro o par de olhos de um tigre escondido atrás de algumas plantas, flores raras, passarinhos... até insetos e gotinhas de água em algumas folhas!

— O que você acha, meu bem? — ela quer saber, sem parar de trabalhar.

Eu imito o Lio:

— Im-pres-sio-nan-te!

Ela ri por cima de seu sorriso inabalável e comenta:

— Estou convencida de que os corpos são as telas mais bonitas para me expressar com linhas, formas e cores, à medida que as imagens me ocorrem ou copio a natureza ou as obras de grandes artistas.

Ela termina o que estava fazendo. Deixa o aerógrafo cair e desliga o compressor, que faz um barulho terrível. Ela tira os óculos e, usando o celular, fotografa a mulher-selva de diferentes ângulos.

Depois, posta no Pinterest. Então, juntas, sentadas no chão, revisamos as fotos no notebook.

— Ficou incrível — diz a mulher-selva enquanto passa atrás de nós, já vestida. Após se despedir, vai embora sem se importar com o tucano pintado no rosto (ela claramente não é tímida).

Ficamos sozinhas.

Usando sua garrafa térmica, Bru nos serve chá-mate enquanto continuamos navegando no Pinterest em busca de fotos de outras pinturas corporais que ela fez.

Me perco em algumas que me parecem mais que maravilhosas. A autora das obras suspira e diz:

— Quero realizar um sonho, Crista. Viajar para uma cidade na Áustria para participar do *World Bodypainting Festival*... — E me passa um mate. — Eles não dão prêmios nem nada; é um encontro onde artistas do mundo inteiro expõem suas pinturas corporais.

Recomendo imediatamente que ela vá até a agência do meu pai para solicitar um orçamento.

— Sabendo quanto custam as passagens, você pode juntar dinheiro e participar desse festival. — Eu mesma me surpreendo: eu, que sou zero motivada, estou tentando motivar outra pessoa.

— Vou seguir seu conselho, Crista. — Parece que eu a convenci. — Antes de sair, você pode me dar o endereço da agência?

Volto a me entreter com as fotos dos trabalhos dela. É a primeira vez que algo chama tanto a minha atenção! Ela deve ter notado meu fascínio, porque pergunta:

— O que você está pensando?

— Nada... — Evito confessar o que passa pela minha cabeça, mas, sem saber por que, eu arrisco. — Acho que a vergonha que sinto de expor meu corpo passou pela minha cabeça...

Ela olha para mim e sorri.

— Há beleza em todos os lugares, em todas as coisas, em todos nós — ela diz, com um brilho no rosto. — E, quando falo de beleza, não me refiro a formas ou tamanhos... A beleza está na mistura de cores que pintam nossa vida, Crista...

Como eu queria acreditar em você!

Ela parece ler meus pensamentos, então acrescenta:

— No dia em que você se considerar uma obra de arte, minha pequena, deixará de se importar com o que agora te deixa envergonhada e te mantém prisioneira, que, acredito, é a dor... — Fico buscando significado em suas palavras, e ela insiste: — Dê a si mesma permissão para se ver em cores e você começará a viver como outra Crista. Uma Crista verdadeiramente feliz...

20

CRISTABEL

Tinha me esquecido um pouco de dois dos habitantes originais do planeta Cristabel.

Numa segunda-feira, deixei Arnold voltar do passeio com o cachorro (para onde eu o havia mandado) e, naquela mesma tarde (às cinco e meia em ponto), nos sentamos na escada do corredor para colocar o papo em dia. Não o chamaram para a audição e ele desistiu de interpretar Cyrano de Bergerac.

— Mas há muitos papéis excelentes para grandes atores — ele mesmo se consolou, embora eu tenha certeza de que seu coração estava partido.

Numa manhã de sábado, liguei para Mirko. Tínhamos que fazer um trabalho de matemática e ele foi até o apartamento para que pudéssemos fazer juntos, sem que ele tivesse que resolver tudo e depois colocar meu nome. Ele não perguntou por que eu tinha parado de postar no meu perfil, o que me salvou de ter que inventar desculpas. Eu disse a ele que estava indo para uma oficina de arte por algumas semanas.

— O quê? — ele perguntou, espantado.

Mirko gostou muito quando contei detalhes sobre como eram as coisas na casa de Bru e sobre os outros meninos e a menina.

— Acho ela incrível. — Foi uma surpresa até para mim admitir que a pintora de corpos tinha um visto para entrar no meu mundo. No entanto, deixei bem claro para ele que não sinto o mesmo pelo resto do grupo. — Eu não tenho muito vínculo com o Ta, o Lio e a Miri, mas também não me importo de estar com eles a uma distância segura. — Acho que Mirko estava com um pouco de ciúmes, então decidi convidá-lo para a oficina.

— Prefiro tirar fotos de coisas ou pessoas do que desenhá-las — ele disse, mas acrescentou que gosta do fato de eu estar indo a um espaço onde a criatividade é incentivada (eu o conheço profundamente, então sei que estava falando a verdade).

Eu costumo contar ao meu pai sobre os debates que acontecem com os outros meninos e a menina que vão à oficina. Debates que Bru nos pede para “traduzir” em um desenho ou uma pintura, uma máscara, algo feito com massinha ou argila... O que quer que nos venha à cabeça. Dei certeza a ele de que estou gostando (mas fiquei em silêncio sobre manter distância dos outros) e mostrei algumas fotos do que faço nas tardes de oficina. Ele se convenceu de que a

oficina era melhor para mim do que fazer terapia, e até agora não tivemos conflitos.

Agora estou na casa de Bru com os demais. Ela nos pede para sentar no chão em forma de semicírculo.

Ela fica na nossa frente e de repente, sem aviso, diz, normalmente:

— Aconteceu quando só existia inverno. Tudo era feito de gelo. As árvores e flores, os animais e insetos, e também as pessoas, que naquela época viviam juntas na mesma cidade. — Bru é uma boa contadora de histórias; escutá-la é como ver uma foto do mundo que ela descreve. — E, claro, para todos os seus habitantes, o frio era natural: ninguém reclamava, e quanto mais frio, melhor se sentiam...

— Eu adoro o inverno — Ta a interrompe. — Depois da academia, para se livrar do frio, nada melhor do que um combo de hambúrguer triplo e batata frita grande. E também aceito uma casquinha de baunilha, uma casquinha de doce de leite e uma casquinha mista..

Lio o acerta no estômago com uma cotovelada.

— Não é pra dar sua opinião, menino, é só ouvir... Você nunca foi do ensino fundamental?

Bru ri.

— Obrigada, Lio... — Ela retoma a história. — Bem, tudo permaneceu assim até que, um dia, surgiram as outras estações. Se em uma metade do

mundo começava o primeiro outono da história, na outra estava prestes a estrear a primavera. E quando era inverno pela primeira vez em algum outro lugar, essa nova coisa chamada “verão” prevalecia onde o povo do gelo vivia. Notícias terríveis! Eles perceberam que, se houvesse muito sol e calor por três meses, todo mundo derreteria. — Ela afrouxa o corpo para fingir que está derretendo. — O que fizeram para evitar que isso acontecesse? Quando perceberam que, com a primavera, o frio estava desaparecendo, decidiram migrar para onde já fosse outono para passar aquela estação e o inverno ali sem correr perigo algum... E quando a primavera e as primeiras temperaturas quentes chegassem naquele hemisfério, eles se mudariam para onde fosse mais fresco e, depois, muito frio. — Ela fica mais séria e levanta o indicador quando afirma: — Só um homem de gelo não queria se mudar: ele estava confortável naquela metade do mundo, não queria abandonar seu lar congelado, nem a vida que levava entre as geleiras. Então ele foi deixado para trás. E quando a primavera chegou, mesmo sentindo que estava começando a derreter — ela relaxa novamente na banqueta —, o cara não queria sair do lugar onde se sentia confortável. E assim continuou quando o verão chegou com suas temperaturas escaldantes... Finalmente, o outono

retornou e todos que tinham decidido ir embora voltaram. Já o homem de gelo... — ela fez uma pausa para o grande final, que deve ser surpreendente. — ... não encontraram nem uma pequena poça d'água!

Estou decepcionada. Esperava um final mais criativo.

E não sou a única. Os outros estão tipo: “E então...?”.

— O que eu acabei de contar é uma antiga história de esquimós — explica Bru. — E, como toda história tradicional, ela tem uma moral. Mas não vou contar qual é. — Ela se levanta e começa a andar junto ao semicírculo que formamos. — Qual é a moral para vocês? — Tenho certeza de que o loirinho quer falar, mas ela não deixa. — A ideia é que, em vez de falar, vocês imaginem a moral e a expressem com uma criação visual... — Começamos a nos levantar para revirar as gavetas, mas ela nos interrompe. — Ah, hoje vamos mudar um pouco as coisas. Vocês vão trabalhar em duplas... Gostam da ideia? Muito bem! Podem prosseguir, amores. — Ela nem esperou darmos nossa opinião sobre a proposta.

— Vou com o Ta. — Lio pega ele pela mão e o leva para um lado. Imediatamente, o loirinho começa a falar que eles têm que concordar em relação à moral da história do cara do gelo.

Eu observo a Miri. Ela está olhando para mim.

Tenho a sensação de que será difícil ganharmos a confiança que os outros já têm um no outro.

Hashtag mental SomosAOutraDuplaPorDescarte. Ai, meu Deus... Juro que não esperava por isso! A distância prudente que mantive nesta oficina estava tão boa!

E assim, como robôs, nos encaminhamos para as caixas com as plaquinhas...

21

MIRANDA

— Vou ser sincera com você, Miri, eu não entendi o que significa o cara não querer se mudar...

— Medo.

— Medo...?

— Sim, Crista, o homem de gelo tinha pavor de mudanças... O medo do novo é algo que limita nossa vida.

— Ainda não entendo...

— Eu conheço esse medo. E como ele impede você de seguir em frente.

De repente, sinto-me encorajada a falar com uma estranha sobre algo que só havia discutido em uma sessão com Verônica.

— Vamos supor que você esteja certa. O que acha que poderíamos fazer para expressar esse sentimento com o que temos nas gavetas?

— Poderíamos modelar uma figura... Uma boneca de barro... Mas não teremos tempo para pintá-la, então é melhor usar massinha.

— E o que isso tem a ver com gelo, Miri?

— Você não gostaria de mudar? Sair de onde está

para viver com mais paz, quer dizer, se sentir melhor.

Não sei por que, mas suspeito que, sem querer, ela interpretou meu comentário como um golpe. A julgar pelo jeito como me olha, talvez esteja pensando se deve me responder ou ficar calada. Da mesma forma, não espero que se abra comigo e me conte seus conflitos; eu já tenho os meus.

— Tudo bem, vamos fazer uma boneca. Mas é você que já teve medo de mudar, então você lidera...

É a primeira vez que alguém me permite decidir o que fazer. Pode ser que trabalhar com ela não seja tão ruim. Usar minha mente e todo meu corpo para expressar, por meio da massinha, meu medo da mudança pode me ajudar a pensar que não sou apenas um par de pernas e braços.

22

CRISTABEL

Bru sai da cozinha, onde tinha se escondido para nos deixar trabalhar e depois se surpreender com o resultado.

— Amorzinhos, vamos terminar a atividade — ela nos pede. — E vamos tirar um tempinho para ver o que cada dupla criou...

— Nós já terminamos — Lionel interrompe. — Não gosto de me gabar, mas não consigo evitar... Fizemos algo in-crível!

— Incrível porque não enviei o desenho à m... — retruca Tadeo.

— Não é um desenho, menino — ele o corrige e, fazendo outra paródia do francês, diz: — Sem saber, você fez uma colagem. E, se tirasse a venda dos olhos, veria como ficou bom...

Bru, Miri e eu vamos até a mesa dos meninos (minhas mãos estão pegajosas e com um cheiro horrível). Em um pedaço de papelão eles colaram círculos e quadrados de tecido ou papel glacê. O que poderiam ter entendido da fábula para fazer isso?

— Não sabemos qual é a moral oficial da fábula. Mas depois de discutir e convencer Tadeo de que ele só conseguiria usar uma mão, decidimos criar algo sobre o que gostaríamos de mudar em nossas famílias.

Ah, é...? Olha só! Eu analiso a colagem. Há algo que se assemelha ao que eles se propuseram a fazer. Por sorte, o garotinho loiro tem medo do silêncio e começa a nos explicar tudo sem rodeios.

— Esses três quadradinhos são minha família. Este é meu pai, esta é minha mãe... Veja que usei lã para o cabelo longo. E este aqui é meu irmão mais velho...

— E por que sua mãe e seu pai estão presos juntos sobre pequenos círculos e seu irmão não? — Miri pergunta, interessada.

— Primeiro me deixe esclarecer, querida, que todos os três são quadrados... É o que Ta diria... — Ele ri, mas não parece achar muito engraçado. — Quando eu disse a eles que era gay, há dois anos, eles quase me expulsaram do Sistema Solar! Mas, aos poucos, porque não têm outra escolha e sei que me amam, estão digerindo a notícia. Então eles se tornaram círculos, mas, como ainda precisam de mais, usei marcadores para marcar as bordas com linhas separadas... Quando eles finalmente aceitam o inevitável, serão círculos completos...

— E seu irmão...? — Bru quer saber.

— Ainda é um quadrado! Faz dois anos que nem

me responde que horas são. Não estou exagerando: ele sempre almoça ou janta sozinho, quando eu já saí da mesa. Ele tem nojo de mim, foi o que me disse. — *É a primeira vez, no pouco tempo que o conheço, que Lionel fica sério.* Muito sério. — Não importa. Mesmo que ele nunca seja um círculo, eu ainda o amo...

— Vai, Ta, agora é sua vez.

Tadeo é menos expressivo que Lionel. Custa a começar, mas o outro dá-lhe uma cotovelada para que fale sem vergonha:

— Lio cortou o tecido como eu ia pedindo. — Ele ergue o gesso, sustentado por um lenço, para deixar claro o porquê. — Este círculo é Desiré, minha mãe. Estes dois circulinhos que estão um pouco acima dela são minhas duas irmãzinhas. São gêmeas... Tati e Maca. Este círculo maior sou eu. Colei este sobre os outros porque é assim que estou em casa... Na vida...

— Tem mais dois círculos... Você os colocou bem separados dos outros quatro — observa Bru.

De novo, Tadeo se retrai. Fica claro que ele já não quer continuar. Mas Lionel insiste:

— Vai, aqui ninguém vai te julgar. É arte. E estamos sendo nós mesmos, sem máscaras...

O grandão olha para ele. Acho que percebo gratidão em seus olhos. Parece que o loirinho lhe faz bem, muito bem.

— Este é meu pai, que está longe... tá? E este é o César, o parceiro da minha mãe... Coloquei bem separado porque queria que ele estivesse ainda mais longe da gente. Na verdade, queria mesmo que ele não estivesse em lugar algum...

Bru percebe que é hora de seguir em frente. Sinto alívio, porque uma simples colagem conseguiu trazer à tona a pior parte da vida de Tadeo. Mas isso significa que agora é a nossa vez e a da maldita boneca de massinha que minha colega de equipe criou. O clima no ateliê fica pesado (e não é porque o calor do telhado de zinco aumentou a temperatura).

— Vamos ver o que as meninas fizeram... — propõe Bru, dirigindo um sorriso a Tadeo. Não parece ser de pena. Tenho certeza de que ela sorri porque entende sua dor, e essa é sua maneira de deixar isso claro...

23

MIRANDA

— Nós chegamos à conclusão de que a moral da história tem a ver com o medo de mudar.

Falo com segurança, mas, na verdade, estou nervosa ao ver no que nossa boneca se transformou. Além disso, vou ter que explicar o que fiz e por que fiz. Acho que exagarei e acabei expressando muito mais do que queria.

— As cores que escolheram são bonitas. Mas não terminaram ou...?

— Está pronta, Bru.

— Não fizeram a boca de propósito, Miri?

— Nenhuma de nós quis que ela tivesse boca... Nossa boneca de massinha não tem coragem de dizer o que gostaria de dizer. Mas fizemos mãos porque a Crista insistiu que o que ela quer expressar, expressa escrevendo. Aceitei a ideia, mas só porque, com as mãos, ela pode fazer coisas diferentes das que vem fazendo desde pequena... E isso é uma mudança na vida dela...

— Faltam os pés, meninas. Imagino que também tenham uma explicação para isso...

— É outra mudança. Essa boneca de massinha sempre teve que usar os pés sem saber se queria usá-los... Até chegou a pensar que, se os amputassem, estariam fazendo um favor a ela...

— Em vez de ter as pernas incompletas, ela poderia usá-las para fazer coisas que nunca fez. Isso sim seria uma mudança, não é, Miri?

— Melhor sem pés... Porque ela não teria liberdade para usá-los.

Quando insisto, percebo que sei quem é a boneca de massinha. Sinto uma lágrima escapar...

24

CRISTABEL

Bru percebe a lágrima caindo pela bochecha de Miri, então muda de assunto: volta a falar da boca — bem, da falta de boca. Ela olha para mim e pergunta:

— Crista, você não acha que a boneca poderia ser incentivada a falar? É bom escrever o que você não consegue dizer, mesmo que esteja tentando mostrar que conversar com outras pessoas pode trazer mudanças...

— Mas é confortável assim...

— Você acha que é confortável? — Bru pergunta, mas, pelo que me lembro, não estamos no consultório de uma psicóloga. — Além disso, e o que vou dizer vale para a duas, a boca não serve apenas para falar... Sem boca, não há sorriso — ela insiste, porque deve sorrir até dormindo.

Para cortar o clima de teste de personalidade, Miri usa um palito para desenhar um sorriso no rosto de massinha.

Ela não queria um sorriso? Pronto.

— Não é suficiente — Bru diz.



Hashtag mental Se Você É Teimosa Eu Sou Ainda Mais-Cabeça-Dura.

Pego o palito da minha companheira de equipe e aumento o sorriso da bonequinha.

Miri pega o palito da minha mão e aumenta o sorriso ainda mais.

Eu não fico muito atrás: desenho um sorriso que na realidade cortaria a garganta de qualquer um.

— Uauuuuuu... Isso sim é uma mudança! — celebra Bru. É como se nada fosse suficiente para ela. — Agora eu gostaria de ver esse sorriso em você, Crista... E em você, Miri...

— Não — dizemos ao mesmo tempo.

— E se eu pedir por favor...?

— Acho ridículo você me pedir para rir... — Miri ergue uma parede em sua frente.

— Por favor! — Bru nos pede. — Por favor! Por favor!

Quero calá-la, a situação ficou absurda. Ela continua com “Por favooooooooor! Por favooooooooor! Por favooooooooor!”, movendo os olhos cor de mel de Miri para mim e de mim para Miri. Parece que vai continuar com isso até o dia em que a humanidade for extinta.

Não é intencional, juro que não é intencional, mas, de alguma maneira, eu sorrio.

Sim, pela primeira vez desde que decidi que nunca mais sorriria, essa moça me fez quebrar a promessa

que fiz para mim mesma.

Parece que Miri também se esquece de si mesma e sorri para Bru.

Lio aplaude. Assim, pomposo como é, ele anuncia gritando:

— O júri diz que houve um empate. Temos que coroar duas Miss Sorrisos!

Esse cara é impossível! Mas ele consegue fazer Ta e Bru caírem na gargalhada.

Miri também ri, emitindo um relincho de cavalo. E há algo ainda mais sério acontecendo.

Meu Deus... *Eu também estou morrendo de rir com eles!*

25

CRISTABEL

Meu título de Miss Sorriso foi passageiro. Eu reagi involuntariamente: a frase de Lio na quinta-feira passada me pegou de surpresa e as coisas escaparam das minhas mãos — bem, da minha boca. Depois daquela tarde, porém, eu voltei a ser a mesma de sempre.

E mesmo que eu tenha me tornado a Miss Sorriso, a chegada inevitável desta quarta-feira me faria voltar a fechar a cara.

Porque hoje não é apenas mais uma quarta-feira.

Durante o jantar, meu pai e eu conversamos sem concordar sobre o mesmo assunto. É como se eu estivesse falando de não sei o quê, mas é um “não sei o quê” diferente do dele.

Essa falta de coerência tem um objetivo tácito compartilhado e imposto por ambos. Hoje faz quatro anos que minha mãe morreu, e essa é a nossa maneira de não tocar no assunto (nunca mais voltamos ao cemitério e suportamos essa data sem demonstrar nada um ao outro).

— Crista, eu queria te dizer uma coisa.

Pelo tom, acho que um anúncio vem por aí.

— Há algo errado...? — Estou preocupada.

— Não, nada sério... Eu queria te dizer que já faz um mês... talvez menos... que estou namorando alguém.

Meu mundo treme. Um buraco se abre e eu caio até o núcleo cheio de lava, onde queimo instantaneamente.

Ele, por outro lado, levanta de repente e pega as coisas da mesa.

Lava, seca e guarda tudo.

Prepara um café e senta-se novamente.

Ele não me pergunta se concordo ou não, se acho que é a hora certa ou se um dia será. E mesmo que ele me pergunte, neste maldito momento, tudo o que consigo fazer é confrontá-lo com algo como: “E você escolheu esta data para me contar!?”. Mas isso seria só metade de tudo que eu posso dizer sobre o assunto.

— Eu estou com vontade de comer uma sobremesa — ele diz, com o tom e o gesto de uma criança travesa. Liga para a sorveteria e pede meio quilo dos sabores habituais. Ele desliga e fica parado como se estivesse esperando o porteiro ligar, então acrescenta: — Ela vem jantar conosco no sábado. Quero que você a conheça.

Estou em choque.

Ele continua como se não se importasse com nada nem ninguém, bem, como se não desse a mínima para o que suas palavras me causaram.

O interfone toca.

— Estou indo. — Ele desce para receber a entrega.

Quando voltar, terá que comer todo o sorvete sozinho.

Estou fugindo agora mesmo.

Quase me jogo escada abaixo para chegar mais rápido ao segundo andar do prédio.

Preciso que Mirko venha me resgatar!

Ele abre a porta e não esconde o medo que meu estado de fúria, de ansiedade, de apocalipse lhe causa.

— Vamos para a sacada — mando.

Respiro fundo.

Acho que estou pronta para contar a ele.

Mirko escuta sem perguntar nada, até que eu me calo.

Ele deixa o silêncio reinar por um tempo, e então diz:

— Sim, é realmente inapropriado te dizer isso hoje...

Sinto vontade de dar um tapa nele. Me contenho e digo:

— Tem algo que você talvez não esteja entendendo. Não se trata do dia. Perceba isso! Uma noite eu o peguei abraçando uma foto de nós dois com minha mãe, chorando de tanto que a apertava... E agora ele encontrou uma substituta!

Estou passada, muito passada, e consigo ouvir na minha voz.

— E ele não só me dá notícias que me abalam... —
Minhas mãos estão fechadas em dois punhos. — Mas
também diz que quer me apresentar a ela em três dias!

Mirko tenta minimizar a situação:

— Mas é a vida dele...

— É a nossa vida! — Eu o corto. — Depois daquela
noite, pensei que, assim como eu, ele sentia a mesma
melancolia... que nós sofríamos a mesma coisa, mas
que, sendo adulto, ele estava lidando com isso da sua
maneira... Mas a realidade é que eu realmente sempre
carreguei sozinha essa tristeza e esse sofrimento. Eu
sinto como se... como se... como se ele tivesse decidido
deixar de ser viúvo e eu continuasse órfã.

— O que você quer que eu faça? Não sei se posso
fazer alguma coisa, porque não sei o que te dizer...

Não sei o que fazer ou se ele pode fazer alguma coisa.

Duvido que ir até o apartamento reclamar com
meu pai sobre o que Mirko já teve que suportar vá
fazer diferença.

Hashtag mental DeixemosQueOExViúvoSeIluda

E, como já fiz tantas vezes, decido pedir ajuda
ao meu eterno salvador:

— No sábado, tenho medo de reagir como uma
lutadora. Meus oponentes seriam ele e ela, não sei
em que ordem... Você viria jantar comigo, meu pai e
essa novidade na vida dele?

Mirko se nega a me ajudar.

Ele sugere que eu invente uma desculpa para não estar lá quando aquela intrusa (sim, parece novela, e daí?) vier jantar. E que, até que ela vá embora, busque asilo em seu apartamento — ele inclusive me diz para passar a noite lá, como quando éramos crianças.

Eu digo que não.

— Eu tenho que estar lá, Mirko, para deter a loucura que o tomou. Não consigo ficar quieta nem calada!

Insisto no favor que lhe pedi.

E como sempre faz quando preciso dele, ele acaba aceitando.

— Todos deveriam ter um Mirko na vida! — Dou um beijo nele.

Eu não registro o tempo. Mas meia hora ou uma semana depois, estou de volta ao apartamento.

Meu pai me vê entrar.

Ele murmura algo e se despede da pessoa com quem está falando pelo celular.

— Eu estava na casa do Mirko — digo enquanto vou em direção ao meu quarto.

— Achei que estivesse. Mas eu gostaria de saber. Lembre-se: você tem 14 anos, já é noite e você saiu sem nem deixar um bilhete...

— Fui convidá-lo para jantar no sábado — digo, e não espero sua opinião.

Já estou no corredor quando ouço:

— Tudo bem por mim, Mirko é da família.

Eu bato a porta.

Me jogo na cama.

Estendo a mão e pego uma barra de chocolate na mesinha de cabeceira.

Parte de que família? Daquela que deixamos de ser há quatro anos? Daquela que éramos você e eu?

Mastigo o chocolate de avelã e o que quero gritar na cara dele me escapa em voz baixa:

— Traidor!

26

CRISTABEL

Esperamos até as nove horas da noite sentados no sofá da sala. Mirko (que chegou mais cedo para me apoiar) me ouviu contar como consegui, hoje, evitar a explosão de um conflito de tamanha magnitude entre meu pai e eu que atingiria a escala “ultramáximo”.

Minha estratégia era simples: não permiti que ele me deixasse na escola, como sempre faz, e deixei meu telefone no modo avião (ele continua assim para evitar mensagens). Quando meu pai chegou em casa anteontem e ontem, encontrou Post-its na mesa da cozinha dizendo “Fui dormir cedo, já jantei” e “Não estou me sentindo bem, deixe-me dormir porque não aguento mais a dor”.

Não sei se ele engoliu o sapo ou suspeitou de algo. O problema é que há apenas uma hora nos encontramos pela primeira vez desde a noite do anúncio. Eu estava mais malvestida do que nunca, só para ver se ele diria alguma coisa. Como se fosse para puxar assunto, ele me perguntou:

— Ansiosa, filha?

Eu senti vontade de dizer: “Sim, estou ansiosa porque isso é um pesadelo e vou acordar a qualquer momento”. Mas, como não falei nada, ele deve ter sentido necessidade de se justificar.

— Entendo que isso é difícil. Mas não quero esconder nada de você, e quero que vocês se conheçam para que veja que estou namorando uma pessoa boa, alguém que também pode fazer bem a você.

Mais uma vez fui atacada pela vontade de dizer a ele que não precisava de nenhuma “gente boa” entre nós, mas consegui me manter dentro dos limites.

Embora eu esteja prestes a cruzar a linha quando o interfone toca.

Meu pai atende e diz:

— Espero você no corredor, em frente ao elevador. E sai.

Mirko coloca a mão em um dos meus ombros e diz:

— Tudo vai ficar bem.

No corredor, ouço vozes e risadas. A voz dela parece familiar ou é um engano causado pelas minhas emoções?

Eles entram no apartamento.

Eu me levanto do sofá.

E a vejo.

— Crista! — Ela fica surpresa.

Meu pai está desorientado.

— Vocês se conhecem?

— Ela coordena a oficina de arte que estou fazendo todas as terças e quintas — respondo, sem acreditar que Brunela esteja ali, segurando a mão dele.

— Você me falou da sua filha, Dario, mas nunca me contou o nome dela... Porque não existem muitas Cristabel por aí, e eu teria perguntado se...

Não sei o que mais me enfurece: que a namorada do meu pai seja ela ou que ele nunca *tenha contado a ela o nome da sua única filha?*

— Coincidência cósmica — diz Brunela com seu sorriso de sempre.

— Não há outra explicação — meu pai ri. De repente ele acredita que a vida é governada pelos mistérios do Cosmos. — Na verdade, eu não fazia ideia de que ela era a Bru sobre quem você estava me falando. Como eu poderia associar esse apelido à Brunela, que passou na agência uma manhã para pedir um orçamento para uma viagem à Áustria...

Acontece que meu pai não está apenas namorando: está namorando Brunela. E, para piorar, sem querer, fui eu quem os apresentou. Meu Deus, meu Deus, meu Deus... Isso não pode estar acontecendo, parece uma novela!

— Sou Mirko, o melhor amigo da Crista — meu salvador se apresenta. É óbvio que ele acha Brunela linda, simpática, um luxo de mulher.

— Crista sempre menciona seu nome na oficina — ela diz, e então lhe dá um beijo. Tenho certeza de que meu cúmplice será servido em uma bandeja.

— É noite de sushi, que eu mesmo preparei... Mentira, eu pedi, mas é de primeira qualidade — diz meu pai. — Para os meninos, refrigerante. Para nós, rosé ou branco?

— Escolha o que você acha melhor — ela responde e lhe dá um beijinho.

— Vão se sentando, eu cuido de tudo. — Ele vai até a cozinha e eu o enxergo como um adolescente apaixonado por aquela colega que considerava inatingível, mas que finalmente lhe deu sinal verde.

Nós nos posicionamos estrategicamente à mesa: Mirko e eu de um lado; Brunela do outro, ao lado da cadeira que meu pai vai ocupar. Não sei como nem quando, mas ele trouxe o vinho, o refrigerante e uma tábua com trinta peças de sushi.

Ele se senta e, depois de dizer “Vamos lá”, Brunela e ele atacam o sushi. Mirko também come. Eu não pretendo experimentar nada (vou recorrer aos meus chocolates mais tarde).

Papai me diz:

— Brunela é cenógrafa...

— Eu já sei.

— E faz pintura corporal...

— Eu já sei.

— Ela se considera uma rebelde porque...

Antes que eu repita que já sei, ela fala:

— Rebelde como uma aquariana típica. Você, Dario, é...

— Não faço ideia, bonita! — Esse “bonita” parece um chute no estômago. — Eu nasci no dia 12 de janeiro...

— Capricórnio. — De repente a cenógrafa frustrada se revela uma especialista em astrologia. — Até chegar ao topo do penhasco, não desiste... como uma cabra.

— Eu sou uma cabra? — Ele acha que eu não notei que ele estava segurando a mão dela por baixo da mesa. — Se for assim, vou tomar um banho agora mesmo.

Brunela, ele e Mirko riem. Quero perguntar ao meu amigo se ele acha que isso é coisa para rir. Estou com tanta raiva que não aguento mais.

— E você, Mirko...?

Ele responde que nasceu em 20 de dezembro e Brunela se precipita dizendo que ele é de Sagitário.

— Muito talentosos, sempre precisam ir para algum lugar...

— Gostei — diz Mirko.

Eu o levanto da mesa pela gola da camisa e o arrasto para a cozinha. Quero enchê-lo de reclamações.

— Eu sei que é difícil da sua perspectiva — ele diz antes que eu fale. — Mas Brunela me parece encantadora.

Não sei se estou exagerando, mas, em vez de abaixar o volume, eu reclamo:

— Encantadora? Bem, saiba que para mim ela é uma usurpadora. Sim, el`a chegou para usurpar o vínculo que eu tinha com meu pai e o espaço que ele continuava guardando para a minha mãe em seu luto... Ou assim me parecia até algumas semanas atrás.

Voltamos à sala de estar.

Papai está muito sério, e Brunela parece bastante desconfortável.

Eles devem ter ouvido o que eu disse na cozinha.

— É verdade que nós, sagitarianos, precisamos ir a algum lugar — comenta Mirko. — No meu caso, preciso ir ao banheiro. — Sei que o que ele está fazendo é fugir do que suspeita que está por vir.

Meu pai deixa que eu saia da sala de estar. Está silencioso, usando um dedo para procurar na toalha de mesa migalhas de pão que não existem.

— Ela não é uma usurpadora, Crista — ele murmura sem olhar para cima. — Não posso pedir que você se coloque no meu lugar, porque você é muito jovem para entender as necessidades dos adultos. De um homem adulto — ele enfatiza — que ficou viúvo há quatro anos...

— Desculpe interromper, mas acho que sua filha já tem idade suficiente para saber o que é empatia. E se ela tentar, Dario, ela pode se colocar no seu lugar e no meu... — Brunela fixa seus odiosos olhos cor de mel em mim. — Não estou aqui para substituir ninguém... Na verdade, ninguém sabe se o que eu tenho com seu pai vai durar ou se vai acabar amanhã. Porque a vida é assim...

Até aqui guardo tudo que foi depositado no meu porão interior.

— Eu sei como é a vida, Brunela! E concordo com você: consigo ter empatia. Então, já que posso me colocar no lugar de um adulto, vou me colocar no seu...

— Eu não te entendo, meu amorzinho...

— Não me chame assim! Nem de Crista! — ordeno, então olho para meu pai. — Odeio sua intenção de substituir a minha mãe, ainda mais por alguém uma década mais novo que você.

— Se acalme um pouco... — Ele tenta parar o que já comecei, mas não vai conseguir.

— Ela ganha a vida fazendo maquiagem em festas de aniversário e com a oficina... É boêmia... oportunista. Procurou um viúvo que tivesse a estabilidade de que ela precisa. — Não meço minhas palavras. — Acho isso horrível! E patético da sua parte!

Brunela dá um pulo e sai do apartamento.

Meu pai vai atrás, tentando detê-la.

Mirko decide retornar do banheiro onde foi se esconder. Inocentemente, ele pergunta:

— Perdi alguma coisa?

27

CHIARA VAMP



chiara_Vamp

A foto tem um adesivo de um bolo com o número dezessete decorado. Chiara finge apagar as dezessete velinhas do adesivo. Acima, está escrito: "FELIZ ANIVERSÁRIO PARA MIM, OBRIGADA POR ME AMAR, VAMPIRXS E HATERS!" A menina tem cabelos bem escuros, soltos e com franja. Não se vê o corpo, mas o top de alcinhas mostra que ela é muito magra. As bochechas estão afundadas no rosto rosado, com um pouco de blush para dar alguma cor. Há uma simetria natural e artificial: o queixo arredondado, os lábios finos e estreitos pintados num tom rubi, o nariz arrebitado, os olhos azuis com pálpebras tingidas de um violeta suave, as sobrancelhas realçadas em preto, os cílios postiços longos e curvados.



Curtido por **despechada16** e outras **327** pessoas

chiara_Vamp hoje acordei pensando nos meus vampirex q crescem cada vez mais e que são o presente de aniversário mais legal de todos ❤️❤️❤️ pensei: pq não lhes dou um presentinho? como sei que em nossa vida de deusxs sempre há alguém que merece passar vergonha, vou dar sugestões de

apelidos inspiradores como presente. Vou passar a lista. Vocês saberão como ou contra quem usá-los 🐱

barriga de shrek
miss espinhas
filhx de Chuck
quebra-espelho
ladrão de oxigênio
axilas com peruca
sofá de esterco
dumbo e sua família
amostra grátis

#chiaravamp #aniversáriochira #vampirxs #influenciador
#apelidos #afavordobullying #minhavítima #souseubully
#naoacensuranoinstagram
Há 5 horas

mystiquefan para os porcos baixinhos: inspetor/a de rodapé 🐱 feliz aniversário

vamp.15 pudim de manteiga vou usar para a menina gorda da turma, obrigada pelo presente ❤️ vai para você Chiara diva divina

soy_malefica sugestão para uma menina que seja negra baixa e gordinha?

chiara_Vamp @soy_malefica rainha do carvão, barriga queimada

soy_malefica @chiara_Vamp você é a mais genial que existe

kara.dura14 feliz 17!!! 🐱 🐱 🐱 adiciono apelidos: meleca de elefante, mamute sem pelos, tsunami de gordura

hienasoy @kara.dura14 amei o tsunami de
gordura!



chiara_Vamp

A imagem é composta por duas fotos, cada uma ocupando uma metade vertical. Em uma delas, Chiara tem a boca coberta por um adesivo com um sorriso maligno; usou um efeito para deixar as pupilas vermelhas e demoníacas. Com uma mão, amassa um alfajor. É possível ver o corpo da cintura para cima: usa uma blusa justa sem mangas e tem barriga chapada; o busto é pequeno, mas proporcional ao resto do corpo magro. A outra foto é a captura de tela de um vídeo: um menino é visto sentado nos degraus da entrada de uma escola, com a cabeça baixa quase na altura dos joelhos, mas é possível ver que está chorando. Em primeiro plano, alguém colocou a mão com dois dedos em V.



Curtido por **yuriko.oyama13** e **outras 608 pessoas**

chiara_Vamp Eu contei a vocês, vampirxs, sobre aquele cara da outra turma que me dá presentes horríveis e escreve poemas pra mim 🙄 ele me espera na entrada e na saída da escola, é chato, chato. eu já não aguento mais 🙄 ontem ele me convidou para sair, então entrei no grupo de whatsapp da turma dele e deixei uma mensagem: NUNCA VOU SAIR COM

VOCE. NÃO FAÇO CARIDADE. os meninos do grupo gravaram ele chorando e postaram no face, no tiktok e no twitter. Na foto coloquei uma captura de tela. Ele não foi à escola hoje, acho que entendeu o recado e espero que não volte mais. vou dar algumas dicas para se livrar de um tonto como esse:

1. rejeite-o em público ou em alguma rede social
 2. diga à coordenadora que ele te tocou sem permissão, assim ele será obrigado a se afastar
 3. peça a seu irmão mais velho, primo ou amigo da academia que bata nele e deixe ele saber que você pediu
 4. invente que ele tem uma doença contagiosa e espalhe a notícia para que ninguém se aproxime dele. diga que só vai deixar claro que é mentira se ele parar de te seguir.
- DEIXE UM COMENTÁRIO SE ALGUMA DESSAS DICAS FUNCIONOU PARA VOCÊ.

#chiaravamp #chiarafez #contraosmeninoschatos
#conselhosantiamor #afavordobullying #minhavítima
#souseubully #naoacensuranoinstagram

Há 2 horas

despechada16 ele pediu por isso pq era um stalker 🙄

fana.tica eu estudo com esse menino, você acabou com ele gênia deusa. ele tbm me seguiu mas eu não fui tão longe quanto você porque ganhei pelo cansaço, ou pq ele se apaixonou por vc. vc fez um favor a todas as garotas da escola ❤️ ❤️ ❤️

Eclipseok vc merece presentes e poemas. ridículo, eu te aplaudo.

chiara_Vamp @eclipseok me deu um alfajor caseiro feito pela mãe dele. a poesia nem serve para assoar o nariz!!!

eclipseok @chiara_Vamp ha ha ha eu te amo

osafuriosa ♥ ♥ ♥

luqiiiibravo acho que sou o presidente do seu clube de haters, você é uma cobra!!!

chiara_Vamp @luqiiiibravo amo ter um clube de haters ♥ saudações aos sócixs e também às cobras ♥ ♥ ♥



chiara_Vamp

A foto poderia ganhar um prêmio pela criatividade. Chiara aparece de corpo inteiro: ela é alta e esguia, a calça jeans stretch fica ótima nela e a camisa de estilo vintage deixa seu umbigo à mostra. Ela tem cabelos longos e soltos que chegam quase até a cintura. Tem um adesivo de máscara no rosto e carrega uma bolsa na qual escreveu: “E se eu roubar o namorado da minha amiga...?”. O sorriso malicioso é dela, não está desenhado.



Curtido por **venom.jr** e outras **4.237** pessoas

chiara_Vamp vim contar a vcs, vampirxs, que no curso há um grupinho de meninas que, na minha opinião, são insuportáveis. Somos inimigas desde o primeiro ano. tinha que dar uma lição nelas 😊 tenho o contato delas por causa de um grupo de whatsapp. enviei uma

mensagem para cada uma, supostamente escrita pelo namorado de uma delas, mas que parecia destinada a outra do grupinho. elas brigaram feio na saída, a ponto de a professora ter que separá-las pra que não arrancassem os cabelos umas das outras. as meninas se dividiram em dois grupos: algumas apoiando a suposta traída, e as outras apoiando aquela que, por minha causa, parecia ter recebido a mensagem. Resultado: NÃO PODEM NEM SE VER. GRUPINHO DESTRUÍDO PELA CHIARA!!! 🙄 🙄 🙄 vou passar as diquinhas para romper amizades:

1. plante intriga entre amigxs
2. use as redes para deixar alguém saber o que o outro pensa. invente algo que seja bem ofensivo.
3. escolha a mais fraca para contar uma fofoca sobre amigxs, a fofoca não precisa ser inocente
4. relaxe, espere o caos começar e APROVEITE SUA VITÓRIA!

#chiaravamp #chiarasabefazerbemfeito #amizadesrompidas
#pessoasdesnecessáriasnomundo #mentirasúteis
#afavordelbullying #minhavitima #souseubully
#naoacensuranoinstagram
Há 1 hora

venom.jr 🙄 🙄 🙄

eu.rio.de.todas não sabia como afastar uma pessoa que queria continuar sendo minha amiga até espalhar o boato de que ela tinha roubado a minha mãe. Ela a proibiu de voltar para casa e na escola olham para ela como se fosse uma ladra. Ninguém chega perto dela.

Ela passa os intervalos dentro da sala. Foi assim que me librei dela

yuriko.oyama13 @rio.de.todas 😂😂😂

darkgirl 🦋 seu conselho é péssimo e não vou perder tempo sendo sua hater

chiara_Vamp @darkgirl há admiração no seu comentário ou é só inveja? 😏

luqiiiibravo @darkgirl o clube de haters da chiara vamp tem um perfil com muitos seguidores, estamos te esperando

chiara_Vamp ❤️ @luqiiiibravo

lady-deathstrike 🦂 adoro que você seja tão escorpião chiara!!!

28

CRISTABEL

O professor de Literatura está lendo poesia para nós. Está tão concentrado que nem percebe que, exceto Mirko, ninguém lhe dá atenção.

Eu (que não sou boba) escondi meu celular debaixo da mesa. Vai que o professor também fique entediado de se ouvir e me pegue fazendo qualquer coisa — bem, qualquer coisa não.

Verifico o perfil.

A foto redonda é da Medusa (uma influenciadora no Insta leva o nome dela e eu gostei da imagem da mulher com a cabeça coberta de cobras que baixei do Google).

Abaixo está escrito:



chiara_Vamp

influenciadora



eu enfrento quem for. Se você não gosta, compre um cachorrinho e leve-o para passear fora deste perfil.

Haters também são bem-vindxs.

Já são 46 publicações. Há 9.284 seguidores, mas ela segue apenas 46.

Meu vínculo com meu pai se reduziu a zero depois do jantar quando descobri que já conhecia a namorada dele.

Ele tenta conversar, mas eu não falo mais com ele. Se não consigo escapar de um encontro, dou um jeito de passar o menor tempo possível ao seu lado.

A oficina gratuita de criação artística? Nunca mais coloquei os pés lá. E revoguei o visto da Brunela (ela foi expulsa do meu mundo para sempre).

Mas isso não foi suficiente para deixar de sentir fúria.

Uma fúria que não para de crescer!

Embora eu não estivesse morrendo de vontade de jantar com meu pai, ele começou a enviar mensagens como “Não me espere hoje à noite” ou “Combi-nei com a mãe do Mirko para você não ficar sozinha hoje à noite”. E ele não começou a desaparecer por causa do trabalho. O verdadeiro motivo tem nome, olhos cor de mel, cabelos castanho-claros cacheados, uma silhueta desenhada e 24 anos.

Eu entendi uma coisa.

Neste canto: uma filha gordinha, baixa, desleixada, feia e melancólica.

No outro canto: uma moça sempre sorridente e bonita que o faz acreditar que ela está apaixonada por ele.

Então, ele escolheu.

Tenho certeza de que vai passar logo. Mas, por enquanto — e até quem sabe quando —, ele escolheu deixar de ser o pai envergonhado e o viúvo sofredor para interpretar o trintão a quem a vida dá outra chance de se apaixonar.

Foi um comentário de Mirko que me tirou da fúria e me transformou em uma vilã absoluta.

— O relacionamento de seu pai com Bru parece sério — ele disse, sem pensar em como isso me afetaria.

— É só temporário — respondi. — Quando ela se cansar, vai deixá-lo de lado e eu... — Parei de falar, sem ter certeza de como terminar a frase.

Cheguei em casa em um turbilhão de emoções. As que consegui identificar tinham a ver com a fúria que já estava atingindo proporções gigantescas.

Não ia conseguir chorar toda aquela raiva.

Nem gritá-la.

Isso me inspirou.

Sem compaixão, assassinei @cristabel_compartilhando_melancolia.

E naquele momento nasceu @chiara_Vamp.

Chiara é como Cristian, da peça que ensaiei com Arnold. Ele não podia dizer a Roxana o que sentia porque não sabia como falar com ela. Já Cyrano sussurrava ou escrevia todas as palavras que precisava para conquistá-la.

Bem, Cristabel-Cyrano expressa toda a raiva e violência que sente através de Chiara Vamp. Assim como Cristian usava seu rosto bonito, eu uso fotos minhas retocadas com filtros (eles me permitem escolher a silhueta perfeita, perder quilos extras, ganhar altura, afinar o rosto e me maquiar para ficar descolada).

No Insta, para cada vez mais seguidores, sou uma menina de 17 anos bonita, magra, colorida e sem respeito por ninguém. Devo respeitar quando meu pai atropela minhas emoções e a memória da minha mãe?

Adoro ser Chiara Vamp! Como avaliou um dos vampirxs mais fiéis, sou “uma influenciadora que quebra a hipocrisia porque ousa expressar o que os outros não dizem”.

O professor de Literatura continua com os pequenos poemas.

Leio o que me disseram (disseram a ela, na verdade) no último post.

Há 234 comentários!

Não consigo definir o que sinto quando sou Chiara Vamp.

É como... como... reencarnar em alguém que me faz sentir livre. Livre para desabafar todo esse ódio que, se eu contasse para meu pai, ele certamente interpretaria como um capricho de filha ciumenta.

E eu sou mais do que isso.

Sou uma filha capaz de fazer o que está fazendo para vingar uma traição.

A traição do meu pai contra mim e também contra mamãe...

29

CRISTABEL

Ele deve voltar da agência em breve. Estou definitivamente nervosa. Tenho medo que depois de tantos dias sem falar com ele meu velho me pague na mesma moeda: me evitando completamente.

Este foi um dia mais que intenso.

Ontem à noite adormeci enquanto verificava as mensagens deixadas para Chiara Vamp. Acordei sozinha, uma hora antes de o despertador tocar. Na escuridão, tudo que eu conseguia ver eram os restos do sonho que eu tinha tido.

Aconteceu neste quarto, mas com a decoração e os brinquedos de quando eu era criança. Eu estava deitada e na beira da cama havia uma mulher. Embora eu não pudesse ver seu rosto, eu a ouvi. Era mamãe cantando para mim!

O que me acordou foi minha própria voz repetindo a melodia que ela estava cantando. Eu não conseguia parar de cantarolar.

E assim, como se fosse uma canção de ninar, adormeci novamente.

Até que o maldito despertador tocou. Eu ainda me lembrava da melodia, e fiquei irritada com meu próprio cérebro! *Por que aquilo de que eu tanto precisava para acalmar minha turbulência interior não apareceu antes? Eu tive que recorrer aos chocolates na mesinha de cabeceira. Ou será que só apareceu agora porque estou passando pela fase mais sombria da minha vida?*

Tomei café da manhã cedo, para evitar meu pai, e saí para a escola.

Consegui me organizar para que Mirko me deixasse sozinha na hora que tinha livre. Minha intenção era publicar algo no @chiara_Vamp.

No entanto, meu cérebro se transformou em um ringue outra vez.

Em um canto, Cristabel Cyrano pensando em como continuar expressando raiva no Insta usando sua versão de Cristian.

No outro, a melodia do sonho, que parecia querer atingir um objetivo: ser uma canção de ninar.

Funcionou.

Abandonei o plano de postar outra opinião ou conselho de Chiara.

Então, uma questão surgiu na minha mente, e agora estou esperando por meu pai sentada no sofá da sala, porque suspeito que ele tenha a resposta.

Meu Deus... Juro que estou tremendo e começando a

suar!

Ele entra no apartamento.

Passa rápido para seu quarto. Não me cumprimenta: para ele já é certo que não vou retribuir.

Eu o ouço saindo do banheiro. Ele vai até a cozinha sem dizer nada nem olhar para mim.

Hashtag mental ÉSóUMAPerguntaNãoQuerDizer-QueEstouArrependida

Entro na cozinha.

Ele está preparando o jantar.

Ele sabe que me sento à mesa atrás dele.

Ele não se vira. Fica onde está, ralando uma cenoura.

— Não vai ralar o dedo, como sempre — digo.

É como se um mosquito tivesse falado com ele.

Pretendo lhe fazer a mesma pergunta que me surgiu esta manhã na aula.

Não posso ser tão direta!

Tento começar com outros comentários tão inteligentes quanto o de evitar ralar o dedo. Ele está em outro plano do multiverso, a cem níveis de distância de onde eu estou.

Então uma ideia me ocorre.

Em vez de perguntar sobre a melodia que eu trouxe do meu sonho, começo a cantarolar.

Ele para de cortar o tomate.

Percebo que todo o seu corpo fica tenso.

Consigo ver sua nuca, porque ele abaixa a cabeça.

Relaxa os ombros.

Começa a cantar a letra do que, para mim, era uma melodia seca:

— Coração de melão, melão... Melão, melão, melão, melão, coração... Coração de melão, melão...

— No último verso, ele quase não tem voz...

30

CRISTABEL

De costas para mim, com a cabeça inclinada em direção ao peito, ele finalmente fala comigo:

— Mamãe costumava cantar essa música para você quando você era bem pequena...

— Coração de melão, de melão... — eu canto; tenho que repetir “melão” não sei quantas vezes.

— Melão, melão, melão, melão, coração... — ele me ajuda. — O final é fácil: o dobro desses versos.

E nós cantamos juntos.

— Era o plano B para você dormir, porque você pedia mais uma história e mais uma história... — Ele se vira e vem se sentar; há apenas uma mesa nos separando, mas ainda estamos a vários quilômetros de distância. — Você ficava insuportável querendo as histórias dela, e só essa música te derrubava...

Seu tom é monótono, mas suponho que esteja disfarçando toda a emoção que sente.

— Ela aprendeu isso com Adela — ele me conta. — Você não a conheceu... Adela Llosa. Uma senhora

que criou sua mãe e ficou com ela até o dia em que nos casamos. Era como uma avó para ela...

Ele fica em silêncio e volta a prestar atenção nos vegetais.

Sem falar, comemos a salada que ele preparou.

Eu preciso saber sobre essa Adela Llosa! Peço que me diga mais alguma coisa sobre ela.

— Ela deve estar morta — estima. — A última notícia que tivemos dela, porque mamãe nunca parava de visitá-la, foi que estava morando na casa de umas senhoras. Duas irmãs de quem cuidava...

Só isso!

Ele liga para Brunela e de repente parece outra pessoa: está alegre e é simpático. Isso me enfurece! De repente, entre uma linda lembrança da minha mãe e a nostalgia, a substituta intervém.

Vou para o meu quarto.

Não consegui ver o rosto da minha mãe no sonho. Eu tentei, mas foi impossível.

E se isso significa que estou começando a me esquecer dela? Ou melhor, parando de me lembrar, porque no celular tenho um monte de fotos e vídeos nos quais consigo ver seu rosto.

Lembro de todas as perguntas que fazia sobre ela em @cristabel_compartilhando_melancolia. Principalmente aquelas que me fazia sobre quando a

mamãe tinha a minha idade.

Agora sei quem pode me dar respostas concretas, e não apenas suposições.

— Adela — murmuro.

Não sei por que essa canção de ninar surgiu na minha mente do nada.

Se eu tivesse me lembrado dela antes, talvez nunca tivesse recorrido ao perfil no qual procurei expressar minha tristeza. Será que cantar o que minha mãe cantava para mim teria sido o suficiente para criar uma lembrança agri-doce quatro anos depois de sua morte, e não apenas uma memória amarga? Lembrando-me dela com mais paz do que angústia, seria possível encarar minha vida de forma diferente hoje?

Por exemplo, sem interpretar o papel de Chiara Vamp.

Estou assustada.

Meu Deus... Juro que vejo o reflexo de outra pessoa no espelho!

Ela é alta, magra, esguia, bonita e tem uma atitude descolada.

Eu a conheço e sei que ela não tem misericórdia, porque está com raiva.

Não gosto do jeito que olha para mim.

Não gosto da maneira como olha para os outros.

Já matei @cristabel_compartilhando_melancolia.

Posso matar novamente.

Início a sessão.

Esta noite vou “matar” aquela que me empresta sua falsa existência, sua falsa beleza, sua falsa honestidade, seu jeito falso de dizer o que considera “politicamente incorreto” — e pelo qual milhares a admiram.

Essa que eu até recentemente cheguei a acreditar que era uma parte, uma grande parte, da minha verdadeira identidade.

— Sua vida durou até aqui — aviso.

Estou prestes a apagar o perfil para sempre.

Mas me arrependo.

Alerto o reflexo, que não encaro e não sei se ainda está ali:

— Por enquanto, vou apenas mandar você dormir.

Removo a entrada direta para @chiara_Vamp no painel de login da conta...

31

CRISTABEL

Exceto na entrada e na saída da escola, não mantive contato regular com Mirko. Mas ele sempre esteve e continua lá para mim. É por isso que, quando lhe contei tudo e pedi ajuda, em vez de reclamar, ele aceitou imediatamente.

Já estávamos no meio da busca. Eu me perguntava se a encontraria viva ou se ela teria morrido.

Meu Deus... Juro que não passou pela minha cabeça que poderia encontrá-la assim!

Durante outro jantar sem trocar palavras, cantei novamente a canção do coração de melão. O truque funcionou (não sou tola), e deu ao meu pai a oportunidade de se lembrar de outras coisas sobre Adela. O mais importante é que ele me mostrou a área onde fica a casa das duas senhoras para quem ela trabalhava, ao lado de um templo judaico no sul da cidade.

Eu não tinha o endereço exato, mas Mirko conseguiu localizá-lo com o Google Maps.

Depois da escola, fomos para aquele bairro.

A casa não estava mais lá. Bem, estava, mas foi

transformada em uma clínica odontológica.

Perguntamos a vários vizinhos sobre as irmãs que viveram lá. Apenas uma senhora se lembrava delas: haviam morrido há cinco ou seis anos. E sabia quem era Adela Llosa.

— Quando fecharam a casa, ela foi para um asilo. Ainda está viva — garantiu. — Minha sobrinha é enfermeira do turno da noite lá.

Fomos insistentes e fizemos com que ela ligasse para a sobrinha. Então pegamos o endereço do asilo e para lá fomos imediatamente.

Mirko convenceu a recepcionista de que era sobrinho-neto de Adela.

Eles nos pediram nomes, números de identificação e um telefone celular de contato (eu dei o meu).

Acompanhados por um enfermeiro, chegamos ao quarto de Adela.

— A avó tem 81 anos — nos informa rapaz. — Ela ficou doente até chegar ao estado em que está. — Ele fala com o “sobrinho-neto” de Adela, não comigo. — Acontece com todos os avós... de repente eles não saem da cama. E como ela, eles geralmente estão sempre dormindo...

— Nunca acorda? — pergunto sem parar de olhar para a velha senhora, que, debaixo de uma colcha e um cobertor, é apenas uma cabecinha; tem um rosto muito fino, pele bem branca e alguns fios grisalhos.

— Pouco. Mas, como sofre de demência senil, não sabe onde está ou quem somos. Só fica chamando por alguém, talvez você saiba quem é... — ele diz a Mirko. — Ela repete o nome de um certo Américo Duval, muito inquieta. Também diz o nome às vezes enquanto dorme, bem baixinho.

Ele nos conta que a equipe que a atende acha que o homem deve ter sido muito importante para ela. E acreditam que, talvez, se ele ou algum de seus parentes vier visitá-la, a angústia que ela sente ao dizer seu nome poderá se acalmar um pouco, e ela poderá passar o resto da vida mais tranquila.

Eu me sinto extremamente frustrada. Perco a esperança de poder falar com alguém que conhecia mamãe desde pequena.

De repente, o sonho de Adela é abalado.

Parece que está tendo um pesadelo.

— Américo... Américo Duval... Américo Duval — murmura sem despertar.

O enfermeiro estava certo: ela repete o nome como se estivesse ansiosa, angustiada, sentindo dor.

O truque da canção funcionou para obter as informações que eu queria tirar do meu pai. Por que não tentar com ela?

Chego bem perto do ouvido de Adela.

Tenho pronta uma canção de ninar.

Lentamente, canto para ela:

— Coração de melão, coração de melão... Melão, melão, melão, melão, coração...

Ela abre imediatamente os olhos, como um robô. Não me calo.

— Coração de melão, de melão...

Ela se senta na cama como se estivesse sendo empurrada para cima.

— Melão, melão, melão, melão, coração...

Adela não consegue se acalmar.

Muito pelo contrário. Ela fica histérica. Pula na cama como a garota de *O exorcista* e continua gritando:

— Américo Duval! Américo Duval! Américo Duval! Estou com medo.

Mirko também.

O enfermeiro nos empurra e, de fora do quarto, ouvimos suas tentativas de acalmá-la.

Ele consegue. Voltamos para dentro e ela está exatamente como a encontramos quando chegamos.

O garoto traz uma mala muito velha. Me olha como se disse “Compre um cachorro, leve-o para passear e nunca mais volte” e passa a mala para Mirko.

— Foi a única coisa que ela trouxe quando se internou. Nunca a abrimos, então não sabemos o que tem dentro. É melhor que fique com alguém da família...

Eu agradeço:

— O tio-avô de Mirko, que é muito velho, ficará encantado em ter algo de sua... — Não sei dizer o que Adela seria se houvesse um tio-avô de verdade.

Ouvimos um som vindo da cama.

Acho que ela repete o nome novamente enquanto dorme.

Não.

É só o ronco de Adela...

32

CRISTABEL

Pela primeira vez desde que o conheço, estou no apartamento de Arnold. A sala de estar está extremamente suja e bagunçada. Há cabideiros cheios de figurinos roídos por traças. Nas paredes, cartazes de shows dos quais participou, embora seu nome não apareça neles (quando perguntei, ele me garantiu que sempre usa um dos muitos pseudônimos de sua carreira). Roteiros de peças nas quais ele atuou ou planeja atuar estão empilhados por toda parte.

E não estou sozinha neste teatro abandonado.

Mirko e eu viemos direto do asilo, e agora estou contando a Arnold sobre Adela: o lugar que ela ocupava na vida da mamãe e por que decidi procurá-la. Também confesso minha frustração (e pena) pelo estado em que a encontramos.

Apontando para a mala, que Mirko já havia aberto no chão, lhe disse que era a única coisa que ela tinha.

— Talvez ela guardasse cartas ou fotos da mamãe.
— Esse foi o motivo de eu tê-la trazido. Antes encontrar coisas assim do que não encontrar nada.

Na mala há papéis velhos e amarelados. Se eu soprar, eles viram pó.

Mirko os puxa para fora com os dedos em forma de pinça e os coloca um ao lado do outro.

— São recortes de jornal. Anúncios... Todos falam da atuação de Américo Duval em radionovelas.

— Em quê?

O “Ahhhhh” de Arnold soa como “Essa geração Z acha que o mundo nasceu com eles”. Então, explica o que eram as radionovelas.

— E as pessoas engoliam sapo ouvindo dramas no rádio? — Acho isso um absurdo.

— O rádio é, nas palavras do grande Lorca, o teatro da imaginação, querida... — Ele coloca os óculos e analisa as revistas antigas nas quais Duval aparece na capa ou dando entrevistas.

— Há cartas — avisa Mirko, que voltou a verificar a mala.

As cartas estão amarradas com uma fita vermelha. Ele tira algumas dos envelopes e nos passa. Nós três as lemos (eu sou mais lenta que eles: falta de prática com leitura silenciosa).

— Adela escreveu todas elas para o ator — Mirko descobre. — Pelas datas, ela começou a escrever para ele quando era adolescente...

— Ela nunca as enviou, então. — Minha dedução

não é muito brilhante.

— Deve ter enviado pelo menos uma — Mirko me contradiz. — Esta é de 19 de abril de 1958 e foi escrito por Américo Duval. É a resposta a uma carta que ela deve ter mandado. No final, ele diz... — Meu amigo lê com dificuldade, porque a tinta está borrada: — “Será um prazer recebê-la depois da audição no sábado, 23 de abril. Espere-me na porta do meu camarim na Rádio Splendid. Diga apenas: ‘Eu sou Adela’; não precisa me informar seu sobrenome...”.

— Rádio Splendid! — Arnold salta. — Duval era a estrela daquela estação. Durante a década de 1950, ele deixava donas de casa e jovens loucas com sua voz grave e uma frase característica, que usava em cenas românticas: ele chamava a atriz que interpretava sua amada de — ele o imita, engrossando a voz — docinho da minha alma.

Não estou entendendo nada.

É por isso que Mirko me pega desprevenida. Ele segura uma das minhas mãos e, como Duval, me diz:

— Eu te amo... docinho da minha alma.

Eu saio correndo.

Ele está morrendo de rir.

Não dou a mínima para a piada.

— Duval teve um fim drástico — relembra Arnold. — Ele morreu na década de 1970. Sofreu um

acidente de carro quando voltava do interior.

— Não entendo por que tantos anos depois, com pouquíssima vida sobrando, Adela repete o nome desse cara.

— Talvez Duval tenha proporcionado a ela o prazer da ficção, e agora ela escolhe ir embora se lembrando disso... — Arnold supõe.

— Mas quando a ouvimos dizer seu nome, ela parecia... não sei, preocupada... cheia de dor...

— Talvez ela fosse um grande fã dele e, agora que tem demência senil, o coloca no lugar de alguém que a deixou infeliz — diz Mirko. — Talvez um namorado que ela amava muito e a abandonou...

Pela primeira vez em muitos dias, meu pai me manda uma mensagem. Ele já está no apartamento e quer falar comigo. *A única coisa que espero é que não seja para anunciar seu casamento com a intrusa.*

— Vejo vocês mais tarde — digo a Arnold e Mirko, intrigada com a mensagem.

Subo as escadas.

Mas preciso de um tempinho.

Para pensar.

Eu queria ter respostas sobre a mamãe, mas agora estamos buscando significado naquilo que uma velha senhora diz quando fala dormindo, ou nas poucas vezes que acorda!

Ocorre que, embora eu não pudesse obter de Adela o que esperava dela, deveria pelo menos fazer algo para tornar seus últimos dias tranquilos. Seria minha maneira de agradecê-la pelo amor que deu à mamãe.

Como posso fazer com que ela vá embora levando o que, pelo que entendi, foi sua parte favorita da vida?

Uma ideia me ocorre.

Entro no apartamento.

Meu pai está falando no celular. Como é de costume, quando me vê, diz algo que não consigo entender e desliga.

— Tem uma feira de agências de viagens — ele me conta, tirando alguns papéis de uma gaveta e procurando por algo que não me importa. — Preciso participar para promover os novos passeios que estou oferecendo...

Meu silêncio é equivalente a dizer “E o que isso tem a ver comigo?”.

— É em Rosário — ele continua. — São quatro dias fora da cidade... Muito tempo para você ficar na casa do Mirko... — Algo não cheira bem. — Pedi um favor a Bru... e ela vem te fazer companhia nas três noites em que estarei fora. Eu sei que você não está lidando bem com nosso relacionamento, que a situação te deixa desconfortável, mas eu confio nela e sei que você também confia. Agora você está chateada, brava, confusa, mas eu lembro do que você disse sobre Bru antes de...

— De quê? — eu o ataco.

— De eu decidir que a vida tem que continuar e que Bru faz parte dessa decisão. E não sou só eu que preciso que ela continue, você também precisa. — Ele faz uma pausa e repete: — Crista, passar essas noites com ela pode te ajudar a conhecê-la melhor, e aos poucos você deixará de ficar chateada, irritada e confusa. O que acha, filha?

Hashtag mental... Hashtag mental...!? Desisto. Meu Deus... Juro que não sei que droga de hashtag colocar! É o mesmo que não saber o que responder ou como recusar a proposta.

Ele entende que eu concordo com sua ilusão de que algo positivo pode surgir ao passar três noites com a substituta.

E eu entendo que é hora de acordá-la novamente...

33 CHIARA VAMP



chiara_Vamp

Na foto, apenas as mãos de Chiara são visíveis: elas são delicadas, e as unhas estão decoradas com desenhos que lembram olhos abertos. Nas quatro articulações dos dedos da mão esquerda ela escreveu “HATE” com uma caneta grossa. Na mão direita, as letras dizem “HER”. A imagem é perturbadora: a menina está decapitando uma boneca Barbie.



Curtido por **spiderpeligrosx** e **2.351 outros**

chiara_Vamp peço desculpas, queridxs vampirxs, por estar tão inativa, mas CHIARA VOLTOU!!!! 🤪 🤪 🤪 normalmente não falo sobre minha família, mas vou abrir uma exceção. hoje briguei com minha madrasta. não sei o q meu pai viu nela. ela é vinte anos mais velha q ele, obesa, não se veste bem, fica feia de propósito, é doente da cabeça e tem ciúmes de mim. ela conseguiu fazer com q meu pai me considerasse uma intrusa na minha própria casa. nem fala comigo e me evita o tempo todo. eu peguei ela pelos cabelos e a joguei no chão como

se fosse um esfregão. só parei porque ela me pediu por favor, ela estava com medo. NÃO MEXA COM CHIARA DE NOVO! 🙄 🙄 🙄 meu pai descobriu e ameaçou me expulsar de casa. não vou dar esse prazer a ele. prefiro fugir. muitas amigas me convidaram para ir à casa delas. POSSO FICAR ONDE NÃO SOU BEM-VINDA, MAS ESTOU CORRENDO PERIGO DE VIDA COM ESSA LOUCA!!! vou contando o q acontecer, mas aconselho vcs a fazerem todo o possível para evitar q um intruso invada suas casas e arruíne a vida de vcs.

#chiaravamp #chiaranãoédescartável #madrastrasparafora
#odeiobrunela #recuperemeupai #voudestruiravidadela
#seremosumadupladenovo #nãoacensuranoinstagram
Há 5 minutos

spiderpeligrosx você fez muito bem, chiara!!!

venga_dora14 🙄 eu ficaria atenta. NÃO COMA NADA QUE ELA TE SERVIR!!!

aqui.densa 🙄 tem um lugar aqui em casa, meus pais nunca questionam o que eu faço. vc pode vir e ficar o tempo que quiser ❤️ ❤️ ❤️

osafuriosa não saia de casa, ela que tem que ir. seu pai é um covarde, porque ele tem q priorizar você 🙄 EU TE APOIO, AMIGA!!!

telovoyarobar16 🙄 🙄 🙄

mystiquefan seu pai é o culpado de tudo 🙄

34

CRISTABEL

Na primeira noite, ela apareceu depois que meu pai já tinha saído. Chegou com aquele sorriso, sua pessoa encantadora e, o pior de tudo, seu próprio molho de chaves! Ela me cumprimentou de longe, sem tentar me beijar (ela não é idiota). Então, no tom mais simpático possível, sugeriu:

— Você quer uma pizza extragrande? Eu como muito... — E chamou um entregador.

Hashtag FaçaOImpossívelParaQueElaSuma. Ativo o plano que tinha criado. Até porque não tem como as coisas piorarem com meu pai.

Na cozinha, pela primeira vez, preparei algo com itens da geladeira. Brunela atacou a pizza, sem se importar que eu (de pé, apoiando a panela no balcão) estivesse comendo o que parecia um ensopado. Ficou com gosto de queimado, muito salgado, e poderia ter sido usado em um filme de alienígena.

Depois de deixar a panela para ela lavar, fui imediatamente para o meu quarto sem dizer nada. Também tomei as medidas necessárias para evitar

compartilhar o café da manhã no dia seguinte.

O desprezo que demonstrei por ela no jantar não parece tê-la afetado, ou ela estava disfarçando muito bem. Mas ela merecia um tratamento ainda pior, porque, quando voltei da escola, descobri que ela passou a noite usurpando a cama que meu pai e minha mãe dividiam!

Depois do jantar que ela preparou para nós duas na segunda noite (e que eu não comi, porque me tranquei no meu quarto), ela foi tomar banho. Eu havia esvaziado o aquecedor de água e desligado o gás para garantir que só saísse água fria do chuveiro. Quando ela se enfiou na banheira, desliguei o disjuntor e deixei a casa no escuro. Fui até a casa do Mirko e lá recebi mensagens dela me dizendo que estava com frio, não sabia ligar o aquecedor nem a eletricidade. Visualizei e não respondi.

Quando voltei, ela tinha conseguido abrir o gás e acender a luz novamente. Dormia na cama onde, nas noites em que eu sentia medo, me enfiava entre minha mãe e meu pai até me acalmar, até nós três acordarmos, até pararmos de brincar de guerra de travesseiros.

Ela também não reclamou por eu não responder às suas mensagens e, embora não tenha dito nada, àquela altura já devia ter certeza de que o que acontecera na noite anterior não havia sido um acidente.

Faltava apenas uma noite. Eu falhei em cumprir minha hashtag mental. Ela era uma inimiga que exigia medidas extremas.

Sabia que estava fora de mim, mas continuei com o que tinha em mente. Peguei uma lata de cerveja “emprestada” da geladeira da casa do Mirko e tirei um cigarro da bolsa da mãe dele.

Esvaziei a lata no vaso sanitário do apartamento e a deixei meio escondida para Brunela descobrir. Acendi o cigarro (o que me dá nojo) e fiz questão de que a fumaça deixasse um cheiro forte na sala de estar.

Quando ela entra, percebe o cheiro imediatamente.

Vai até o quarto, depois até a cozinha. Como eu queria, atrás de um pacote de macarrão, encontra a lata de cerveja vazia.

Apareço, esperando que ele me diga alguma coisa.

Acertei no alvo!

— Crista... Cristabel — ela se corrige. — Experimentei vodca pela primeira vez na sua idade... Parecia que estava bebendo naftalina. E a única vez que fumei foi no banheiro da escola quando estava no quinto ano. Quase engasguei... — Eu esperava raiva dela. — Meu pai morreu por causa de álcool e cigarro. Ele tinha o costume de ir ao cassino, onde bebia e fumava demais... — Ela pula para um tom de conselheira. — Não sei o que te dizer além de... você

já passou pela experiência de beber cerveja e fumar. Considere o que acabei de te contar, algo que nem contei ao Dario, para que possa refletir. Você decide o que faz com seu corpo...

Talvez ela pense que sua atitude de adulta tranquila e o fato de ter tolerado o que fiz com ela vai nos ajudar a fazer as pazes. Então, sorrindo, ela propõe:

— Dario estará de volta em algumas horas, vamos esperá-lo enquanto tomamos mate?

— Tome você, tô fora... — Quero que ela saiba que ainda a vejo como a pior de todas, uma assassina de laços, uma inimiga para toda a vida.

— Tudo bem...

— Não está nada bem! — Liberto com um grito a frustração por não ter conseguido complicar aquelas três noites para ela. — A primeira vez que você apareceu nesta casa, eu não disse nada. Agora não vou economizar saliva...

35

CRISTABEL

— Crista... — ela tenta me acalmar.

— Cristabel para você! A filha de um tonto que se deixa envolver com o seu joguinho. Uma aposta segura, certo? Viúvo, independente, com algum dinheiro... Mas também com uma filha — grito com ela, fechando os punhos. — Depois de muito tempo acreditando que estava vivendo sozinha com minha tristeza, descobri que compartilhávamos as mesmas emoções. E isso me aproximou mais dele. Mas você apareceu e a lembrança da minha mãe virou coisa do passado...

— Tem uma coisa que você não entende...

— Esse é o primeiro ponto. — Não vou permitir que me neutralize com um “você não entende”, como os adultos costumam fazer com os adolescentes. — O segundo é... Quanto tempo dura um relacionamento com uma menina como você? Até você se cansar de viver assim e encontrar outra pessoa? — Sou uma torneira aberta por onde corre veneno. — Ele está muito iludido, mas, mesmo pensando que pode me deixar de lado, eu não vou sair do caminho. Pode

acreditar que vou tornar a vida de vocês um inferno até que ele me escolha novamente...

— Seu pai é um homem e tem o direito de seguir a vida... — Brunela não parece ofendida, mas eu consegui apagar qualquer tentativa de sorriso de sua cara.

— A vida dele sou eu e a lembrança da minha mãe...

— Sua mãe está morta! — ela me interrompe. — Seu pai está vivo... Você está viva, mas está presa. Eu sei quanto a perda da sua mãe dói. Imagino que você tenha medo de esquecê-la, e que a ideia de ser excluída da vida do seu pai te assusta. Mas você não pode se esconder atrás da dor, se proteger da tristeza, do quanto você sente saudade dela, e se isolar do mundo em vez de começar a aceitar que, apesar da ausência dela, você tem que seguir em frente...

Fico sem palavras.

Quero fugir da cozinha, mas ela me impede repetindo baixinho:

— Ela está morta. E eu, que também estou viva, mas não sou burra, jamais tentaria competir com a memória de uma mãe. Dario não é um prêmio, ele é alguém que merece ser amado, e eu estou disposta a me apaixonar por ele. — Ela me desafia sem mudar o tom: — E se a nossa relação virar alguma coisa, sugiro que você encontre uma maneira de aceitar, porque ninguém vai tirar nada de você. Além disso, ele e eu

podemos te dar muito do que você precisa. Aceitando essa realidade, você pode se dar o que tanto precisa...

Ouvi-la repetir que minha mãe está morta me causa uma dor aguda. Essa é a verdadeira Brunela? Cruel? Ou jogou aquilo na minha cara sem anestesia, mas sem tentar me analisar como os psicólogos dos quais fugi? Eu teria que suportar crescer com ela interferindo no vínculo entre meu pai e eu? Ou ela queria me fazer entender que, para o bem de todos, eu deveria parar de vê-la como um empecilho?

A vontade de chorar volta, junto com a confusão de emoções que há muito tempo venho substituindo exclusivamente pela raiva absoluta.

Ela não me interrompe mais, já disse o que queria me dizer.

Eu praticamente fugi dela. Meu pai voltou há cerca de meia hora.

Posso ouvi-los do meu quarto: estão felizes por se encontrarem.

Nem vou sair para recebê-lo.

Parece que já falaram tudo, riram de tudo. Me dá nojo ouvir os beijos que eles trocam de vez em quando.

Ela diz que está indo embora.

Ele volta depois de acompanhá-la até o andar de baixo. Não vou sair daqui.

Ele entra no meu quarto sem pedir permissão.

Se esperava uma saudação ou uma reclamação por não ter batido antes, pode continuar esperando! Finjo que não noto sua presença.

— Bru me disse que tudo correu bem. — Acho que ele... está feliz? — Que você não falou com ela e ficou na sua, mas não a desrespeitou... Eu agradeço, Crista.

Ele sai.

Brunela sabe jogar melhor do que eu: ela não contou a ele sobre nossa discussão. Em vez de bancar a heroína, ela me colocou no trono da filha que escolheu se controlar quando, na verdade, tentei apagar seu sorriso para sempre.

Me sinto ridícula.

Ainda estou tentando responder às perguntas que me fiz e penso em tudo o que ela me disse. *Talvez seja hora de parar de duvidar da honestidade dela? Talvez seja melhor aceitar que pela primeira vez alguém falou comigo do jeito que eu precisava e isso significa que Brunela é, de fato, capaz de entender minhas emoções...*

TERCEIRA PARTE
É ASSIM QUE EU DECIDI VIVER...

36

CRISTABEL

Mirko está me ligando.

— Você deu meu número para a Brunela? — Não sei do que ele está falando. — Ela encheu minha caixa de entrada com mensagens — diz, mas não me deixa responder. — Disse que vai contar ao seu pai algo sobre as noites em que ficou na sua casa. Que te perdoou, mas, depois de pensar bem, vai abrir a boca...

Estou confusa.

— E o que você quer que eu faça, Mirko...?

— Primeiro vá até a casa dela e a enfrente. Ela não tem o direito de dizer o que você falou por WhatsApp! Sugiro que use roupas de corrida, caso precise correr: ela pode ficar violenta. Eu desconfio dela.

— O quê...?

Ele desliga.

Coloco uma calça de corrida surrada que sempre uso quando quero parecer mais esfarrapada do que nunca. *Então ela realmente é uma farsa! E sabe que falando coisas ruins para o Mirko eu descobriria! Ela acha que está me assustando com esse negócio de contar tudo para o meu pai?*

Saio do apartamento. *Ela não percebe que está correndo o risco de deixar meu pai exausto e o obrigar a fazer uma escolha?* Então, como se ela estivesse na minha frente, digo em voz alta:

— Não pense, como você falou, que ele vai escolher as duas!

Corro os poucos quarteirões até a oficina.

Mirko está me esperando do lado de fora. Claramente está muito bravo.

— Vai devagar, sente o terreno... Depois ataca — ele me aconselha, como se eu fosse uma lutadora e ele fosse meu treinador.

Nós entramos.

Estou agitada e, como o corredor está escuro, não vejo nada.

Levo um susto.

Alguém agarra minha mão.

— Deixe-se levar, Crista...

É a voz de Miri? É a mão dela que está me levando para dentro da casa? Ela é cúmplice de Brunela e eu caí em uma armadilha?

Sinto Mirko atrás de nós. Quero perguntar do que se trata tudo isso.

Eles não me dão tempo.

Do corredor escuro fomos para a oficina iluminada com luz natural.

Miri me solta.

Na minha frente estão Lio e Ta, sorrindo. Mirko está ao lado deles.

Miri, que pela terceira vez desde que a conheci está com um sorriso no rosto, também se junta a nós.

Brunela aparece.

Eu vou atacar primeiro!

Ela me manda ficar em silêncio, colocando o dedo indicador no nariz.

— Amorzinhos — ela diz aos outros —, os pincéis e a tinta estão nessa caixa...

Todos, incluindo Mirko, vão para onde ela aponta. Eles pegam pincéis de diferentes tipos.

Tiram potinhos com rótulos de cores diferentes.

Aproximam-se de onde estou, e penso em fugir ao primeiro momento de descuido. Eles me cercam, e não sei do que estão achando tanta graça (sinto algo parecido com pânico).

— Esta é uma oficina de criação artística livre... — diz minha adversária, que está bem perto de mim, segurando meus ombros. — Aqui está a tela. — Está se referindo a mim? — Comecem a criar...

Lio nem espera. Em uma mão ele segura um pequeno pote de tinta amarela e, na outra, um pote de tinta roxa. Ele pinta meu rosto. Sem saber se estou apavorada ou confusa, vou esquecendo a ideia de fugir.

Ta imita Lio. Já que só tem uma mão disponível, pinta primeiro meu moletom com listras grossas de cor laranja. Em seguida, desenha ondas verdes ao longo das mangas.

Miri usa vários pincéis, um para cada cor. Faz manchas vermelhas, azuis e marrons na calça.

Mirko e a intrusa parecem estar brincando de completar o que os outros fazem. Cada um, com um pincel, procura um espaço sem pintura no moletom. Desenharam pequenos círculos, triângulos e quadradinhos em tons de verde, lilás, branco e azul.

Aceito que caí numa armadilha.

Uma armadilha que acaba virando uma sessão de pintura corporal.

Fecho os olhos porque Lio quer dar pinceladas pratas nas minhas pálpebras. Enquanto me pinta, ele sussurra:

— Bri-lhan-te!

Ainda estou com os olhos fechados. Brunela pergunta:

— Já finalizamos...?

Todos concordam.

Ela me pede para não abrir os olhos, e gentilmente me empurra não sei para onde.

— Aqui. — Ela se separa de mim. — Agora, você pode olhar...

Eu obedeco.

Estou em frente ao espelho...



37

CRISTABEL

Meu Deus... juro que fico chocada quando vejo o reflexo!

O reflexo que estudo em detalhes.

O reflexo que me enche de perguntas. O reflexo de que eu gosto.

Mirko me leva para o outro lado do espelho.

— Você está linda, Crista!

— Quem dera eu pudesse encarar o espelho como você — diz Miri, e sua confissão me dói. — Me vendo do mesmo jeito que você se vê... Alguém corajosa, cheia de cor, e não como um corpo condenado a usar uma saia de balé branca...

Com o canto do olho, percebo Brunela acariciando a bochecha. Então ela me pergunta:

— O que você vê no espelho, Crista?

Hesito em responder, mas já estou cansada de interpretar uma personagem (como meu pai me chamou uma vez).

— Eu vejo uma menina que... descobriu um lado sombrio, e é por isso que ela é capaz de escrever e... gritar sua raiva. — Estou dizendo tudo isso para

mim mesma. — Esse é o disfarce de uma... menina gordinha, baixa e feia que um dia se convenceu de que era mais fácil ser uma metáfora para suas emoções... em vez de aceitar que algo doloroso não deveria defini-la para sempre...

— E vocês, amores... O que vocês veem na Crista?

— Não há escuridão... E, sim, tristeza — o loirinho responde primeiro, como sempre. — Eu pintei você como te percebo, menina...

— Sério, Lio? — Ele sempre fala sério. — Não quero continuar assim... Quero me ver como você diz: bri-lhan-te! E como você me vê, Mirko, linda... E como você disse, Miri, cheia de cores e corajosa por não ter medo de começar a ser outra Cristabel...

— Sinto que estou queimando por dentro. — Alguém que decide se libertar desse sofrimento sem medo de deixar para trás a ausência da mãe... — Meus olhos ardem. — Aceitar minha mãe como parte da minha essência, e não como alguém de quem tenho sempre que ficar sentindo saudade... — Sou movida por algo que não posso e não desejo conter. — Que caminha em direção à aceitação, que retoma a vida que eu mesma congelei para que possa seguir em frente...

No espelho vejo meu reflexo chorando, e deste lado também estou chorando.

Eu choro. Finalmente. Choro e choro. Finalmente. Eu choro, choro, choro até rir, sem impedir que as lágrimas banhem meu rosto.

Sinto que comecei a aceitar, apreciar e me despedir de uma Cristabel.

Aquela que tinha imposto a melancolia.

Pego meu celular.

É a vez da outra. A sombria.

Desta vez será para sempre.

Na galeria tenho as primeiras fotos de corpo inteiro que tirei de mim mesma.

São quinze.

No perfil de Chiara Vamp posto a última, aquela que mostrava a falsa Chiara Vamp em todo o seu esplendor.

Depois posto a anterior, sem o filtro que deu um tom diferente à minha pele.

Em seguida, a que ainda não teve a silhueta moldada.

Continuo com a foto do meu rosto sem os ajustes de um filtro para emagrecer, e depois, com a que mostra minha altura real, em que é possível ver minha barriga de verdade. Assim vou eliminando Chiara, até postar a foto original: a da Cristabel baixinha com o corpo em forma de 8; sem retoques, sem mentiras, exatamente como sou e como devo me aceitar.

Escrevo uma legenda simples:

Essa é a pessoa, não o personagem.

Eu posto.

Encerro a cessão.

Todo mundo está me observando. Duvido que alguém entenda o que acabei de fazer. Mas eu entendo.

Uma hora se passou desde que eliminei Chiara de minha vida. Continuo usando o moletom que reflete meu eu interior. Nós tomamos mate sentados no chão, e conto a todos sobre Adela e sua obsessão por Américo Duval.

— A canção de ninar que ela cantava para minha mãe e que apareceu no meu sonho não foi suficiente para acalmar o que a perturba e que a mantém presa aqui, quando ela gostaria de ir embora — digo a eles. — Tive uma ideia maluca: existe outro tipo de música que pode ajudá-la e me permitir agradecer o que ela fez por minha mãe...

— Nem eu, que te conheço perfeitamente, estou entendendo; imagina eles... — Mirko exige que eu seja mais específica.

— Se pudesse reunir os dois, ela e aquele ator... Mas é impossível. Ele morreu há muitos anos...

Bru comenta:

— Dario me contou sobre um cara chamado Arnold. Disse que é louco, um ator que vive como se

estivesse sempre em um palco...

— Sim, ele é outro dos meus melhores amigos — explico. — O que isso tem a ver com o que eu disse?

— Eu também tenho ideias malucas — diz ela, séria. — E te asseguro, meu amorzinho, que Adela poderá encontrar Américo Duval mais uma vez...

38

CRISTABEL

Bru, Miri e os meninos esperam do lado de fora. Na recepção do asilo, o “sobrinho-neto” avisa:

— Estamos aqui com o irmão mais novo de Adela Llosa... Não tem notícias dela há anos.

— Não há ninguém que possa acompanhá-los — informa a pessoa que nos atende. — Se você sabe como chegar lá, vá em frente...

— Perfeito. — A voz de Mirko nem treme.

Nós três corremos pelo corredor.

É a segunda (e última) etapa do que começou há cerca de quatro horas, quando nos dividimos em duas “unidades de ação” para colocar a ideia de Bru em prática. Propusemos a ideia a Arnold, que, embora tenha hesitado um pouco (porque teria que quebrar sua rotina de sair sozinho para fazer compras), acabou aceitando. Também tive que contar ao meu pai por telefone o que iríamos fazer.

— Se a Bru está envolvida nessa loucura, vão em frente — ele respondeu. — Além disso, pode fazer muito bem a alguém.

Então, no quarto do velho ator, que parecia um depósito de objetos, Lio escreveu à mão o que Mirko e Ta ditaram para ele. Era um roteiro baseado no que aprenderam com as cartas que Adela escrevia para seu ídolo, mas que nunca enviou.

Nós estávamos com Arnold na “sala de maquiagem” em que a cozinha se transformou (ao contrário da sala de estar, era um exemplo de ordem, limpeza e organização). Arnold estava de costas para Miri e para mim, sentado bem quieto para que Bru pudesse fazer sua maquiagem. Usava pincéis finos e longos, que escolhia de acordo com a necessidade, e de vez em quando olhava para uma foto que havia colado na parede. No final, depois de colocar uma peruca, anunciou:

— É o melhor que consegui fazer.

Então nós três encontramos os meninos e Arnold foi para o quarto para completar a ilusão, com um terno dos anos 1950.

Esperamos a grande aparição.

Eu estava numa boa — bem, não numa boa de verdade. Foi por isso que Lionel me pegou desprevenida. Silenciosamente, ele me perguntou:

— Mirko tem namorado ou namorada...?

Eu disse a ele que não achava que Mirko gostasse de garotos, embora nunca tivéssemos conversado sobre isso e eu não achasse que tinha o direito de

perguntar a ele, não importa quão próximos fôssemos.

— Você gosta do Mirko...? — perguntei, curiosa.

Ele balançou a cabeça. Sua dúvida tomou outro rumo:

— Ele é seu namorado, então?

Neguei avidamente.

— Pergunto pelo jeito que ele sempre olha para você, querida, fas-ci-na-do! — ele disse, acrescentando que apostava que, se Mirko tivesse que escolher com quem ir para uma ilha deserta, “sem dú-vi-da” me escolheria.

— Somos apenas amigos, como irmãos, nada mais. — Queria acabar com o assunto (mas comecei a ter dúvidas).

Arnold fez sua entrada, como se a porta da sala fosse uma cortina sendo levantada. Não o reconheci; seria possível reviver uma pessoa morta?! Bru fez um trabalho fantástico, e ele adotou perfeitamente a pose que Américo Duval usou em todas as fotos.

Mirko lhe entregou a folha de papel com o texto que Arnold teria que estudar no curto tempo de viagem até o asilo.

Agora estamos em frente à porta do quarto de Adela, e eu o forço a repetir o roteiro mais uma vez (com algumas falhas, mas ele sabe muito bem o que precisa dizer).

— É hora de subir no palco — eu digo a ele. —
Nós ficaremos aqui.

Arnold concorda. Está nervoso.

Dá alguns passos, para e me chama com um gesto.

— Minha querida, preciso confessar uma coisa — ele fala de um jeito que só eu posso ouvir. — Arnold Garrick é... é... uma invenção... Meu nome é Roberto Díaz. — Ele está envergonhado. — Nunca fui ator profissional... Só me dediquei ao teatro amador depois de sair do Cartório de Registro Civil, onde trabalhei até me aposentar...

Ele deve ter notado minha cara de “fracasso antes da estreia”, porque continua:

— Não pense que vou recuar... Só quero agradecer a oportunidade de interpretar Américo Duval... Será o papel mais importante que terei na minha vida como ator amador. — Ele me dá um beijo, respira fundo e, ao abrir a porta, diz: — Desejem-me muita “merda”...

Mirko e eu nos pressionamos contra a porta.

Podemos ouvir a voz de Arnold. Ele chama Adela várias vezes no tom profundo de Duval. Como ela parece não reagir, o galã falso da radionovela começa com a primeira frase do roteiro.

— Meu amorzinho, desculpe o atraso...

Ele fica em silêncio.

Há outra voz.

Adela acordou! E fala com ele que, sem sair do personagem, diz algo. Não está muito claro o que é, mas ela deve ter recuperado um pouco da consciência, porque a conversa parece bastante coerente.

Algo soa do outro lado da porta.

Ficamos assustados, mas logo aguçamos os ouvidos novamente para ouvir o que está acontecendo.

É um barulho de coisas caindo no chão ou batendo nas paredes; algo atinge o vidro da janela e o faz quebrar. No meio desse escândalo, Adela grita. São insultos!

— Américo Duval, você é um verdadeiro canalha... — O barulho continua; ela com certeza está jogando coisas contra Roberto Díaz, ou Arnold Garrick. — Um canalha! — O ator tenta acalmá-la com palavras românticas enquanto é óbvio que se desvia do que ela joga. — Eu não queria morrer sem antes te falar o que estou guardando há anos: te desejo tudo de ruim que você merece por ser um filho da... É isso, se o que eu sinto é a famosa paz de espírito, então posso ir em paz...

Mirko abre a porta.

Arnold está no chão. Ele parece meio desmaiado por causa da pancada que recebeu na testa com a bacia de fazer xixi (além disso, um de seus olhos está machucado).

Na cama, Adela dorme, como se nada tivesse acontecido. Do chão, onde estou tentando reanimar Arnold, consigo ver o rosto dela. Sua expressão está tranquila.

Entre Mirko e eu, conseguimos fazê-lo ficar de pé e tirá-lo do quarto.

Estamos saindo.

Adela parece falar enquanto dorme.

Não.

Ela está cantando. Bem baixinho, mas está cantando.

— Coração de melão, coração de melão... Melão, melão, melão, melão, coração...

Então, com a voz embargada pelo esforço de carregar Arnold, saio da sala, me despedindo dela. Juntas, terminamos de cantar:

— Coração de melão, coração de melão...Melão, melão, melão, melão, coração.

Agora sei que, independentemente do que aconteça quando eu estiver acordada, nós duas caímos sob a influência de uma canção de ninar.

O corpo de Arnold é pesado, mas eu ainda aguento, porque me sinto livre de um fardo muito, muito, muito mais pesado...

39

CRISTABEL

Quando saímos do asilo, já era tarde. Aqueles que estavam nos esperando do lado de fora ficaram chocados ao ver o estado de Arnold. Mirko e eu ainda o segurávamos, um de cada lado, porque ele estava tonto e as pernas estavam cedendo. Eles nos encheram de perguntas que não conseguimos responder. Até o falso Duval murmurou:

— O que aconteceu? O que aconteceu? Minha interpretação pode ter sido ruim, mas não tanto para ela reagir assim...

Bru levou os meninos a uma farmácia perto da escola onde eles estudam.

Miri pediu que a deixasse na entrada de uma estação de metrô: ela queria adiar a volta para casa para pensar, foi o que disse.

Agora estamos na minha casa, para onde trouxemos Arnold (para mim ele sempre será Arnold Garrick, o profissional de teatro).

Bru usa cubos de gelo para diminuir o inchaço que ele tem na testa.

Mirko procura respostas para o que aconteceu.

Verifica a mala, que está quase vazia.

Ele tira de lá os poucos papéis e revistas que restam e então grita:

— Bingo!

Sob o forro que cobria o fundo, ele encontrou um envelope no formato de bolinha, como se tivesse sido esmagado de tanta raiva.

Ele pega um cartão e me passa. Reconheço a letra de Adela. Leio e digo:

— O dia em que ela iria encontrar Duval...

— O que diz? — Mirko pergunta.

Dou uma lida rápida no primeiro parágrafo. Então, faço um resumo:

— Começa dizendo que ela não vai enviar essa carta a ninguém por causa de algo que aconteceu, que tem vergonha de que outra pessoa leia. Fala de raiva e decepção. Também de um juramento...

Bru cobre a carta com a mão aberta.

— Há uma razão para a carta estar escondida — diz. — Ela não queria que outros a lessem... O segredo de Adela deve ser respeitado, certo?

Duval:

23 de abril de 1958

Não vou enviar esta carta a ninguém porque tenho vergonha de que os outros saibam o momento horrível

que você me fez passar. Estou escrevendo apenas porque preciso desabafar minha raiva e decepção. E também para fazer um juramento.

Aos 12 anos, vim de Realicó para trabalhar na casa de uma família que minha mãe conhecia. Antes de eu entrar no trem, ela me disse para ter cuidado, porque havia muitos canalhas no mundo que poderiam fazer algo feio comigo.

Mamãe estava certa. Naquela família me faziam trabalhar do nascer do sol até tarde da noite sem me pagar; a senhora dizia que eu deveria me considerar bem paga com o teto, a cama e a comida que me davam. Eles me expulsaram e tive que morar em uma casa para mulheres solteiras até conseguir um emprego com uma costureira que ajustava vestidos que eram muito apertados ou muito grandes para as clientes. As horas também eram longas, mas eu conseguia pagar meu alojamento e minha alimentação.

Eu já tinha 15 anos quando apareceram outros canalhas. Todos muito cavalheiros e corretos até fazerem mesmo pedido: uma prova de amor. Eu não sabia do que eles estavam falando, até dizer sim ao meu último namorado. O que ele me deu não foi amor, e ele não esperava nada mais de mim do que uma amostra, porque me fez sentir que meu corpo e eu valíamos menos que um par de meias.

Mas você estava lá, Duval.

Na casa da família que me mantinha como escrava, na casa das freiras e na pensão, eu sempre voltava para a minha peça. E o escutava em “O sangue também perdoo”, depois em “Minha culpa é te amar” e “Os beijos alheios”. Ouvia você dizer às atrizes que eram o “docinho da sua alma”. Eu o ouvia sonhando que eu era seu amor e o docinha da sua alma. Eu te escutei porque, na solidão da capital, você era meu único consolo, uma esperança de que eu poderia encontrar alguém que me amasse bem e mudasse a vida difícil que eu tinha que suportar. Eu o ouvia e dizia a mim mesma que Américo Duval era o amor.

Toquei o céu com as mãos quando você me recebeu em seu camarim na Radio Splendid esta tarde. Estava realizando um sonho que se tornou intenso, porque, para mim, com 16 ou 17 anos, estava com alguém que representava um amor saudável, bom, doce.

Por que você teve que começar de um jeito que eu não gostava? Eu queria falar com você para dizer que te admirava, mas você só queria me tocar. Por que me culpou quando me defendi? Disse que eu tinha aceitado seu convite por um motivo, que eu era uma pessoa inteligente que queria trabalhar como artista de rádio, que conhecia muito bem moscas mortas como eu. E, quando eu consegui escapar de suas mãos e de seus beijos repugnantes, precisou me ofender ainda mais,

dizendo que certamente nos encontraríamos em alguma esquina ou em alguma boate.

Estou escrevendo para você do meu quarto na pensão e não consigo acreditar no que você me fez passar hoje. Mas eu sou forte e juro que mais cedo ou mais tarde vou devolver na mesma moeda. Não será com uma denúncia, porque ninguém acreditará em alguém como eu. Vai ser com um soco ou qualquer coisa que eu tenha em mãos para te dar. Sim, eu quero quebrar sua cara assim como você quebrou meus sonhos. Juro, Duval. Nem que seja a última coisa que eu faça antes de morrer!

Adela Llosa

Assino meu nome para que você se lembre de mim
quando nos encontrarmos novamente.

40

MIRANDA

— Não vi você sair de casa. Presumi que estaria com seus novos amigos ou em qualquer lugar, menos aqui, Miranda...

— Quando voltamos da audição, eu queria me machucar. Mas não faço isso há muito tempo e não ia me deixar vencer. Saí para ficar longe do banheiro e daquela tesourinha. Não sei por que vim para a academia.

Escolhi o lugar onde toda a dor e o ódio que me adoecem nasceram e cresceram, porque aqui vou começar mais uma parte da minha vida, mas... será que vou conseguir?

— Você foi brilhante em todas as combinações que o júri pediu que fizesse. Ficou entre os cinco pré-selecionados. No teste final, só tinha que terminar com um arabesco e permanecer em *relevé* até receber instruções para avaliar seu equilíbrio... Mas você mal conseguiu ficar na ponta dos pés por alguns segundos. E foi nisso que mais trabalhamos!

— A menina que ganhou a bolsa deve estar muito feliz. A mãe dela parecia muito orgulhosa...

— Esse orgulho deveria ter sido meu! Você me

fez parecer uma professora medíocre! E você... Eles devem ter pensado que você começou a dançar ontem!

— Eu tinha decidido não fazer o teste e pedi para o papai te contar. Mas depois me arrependi, porque seríamos duas vítimas...

— Vítimas...?

— Sim, de você, mãe... Da sua ambição e da sua falta de preocupação com o que acontece com os outros.

Ela nunca ficou tão furiosa como agora, não acho que seja o momento. Não, ela disse que esse era meu momento e que eu deveria aproveitar.

— Você se arrependeu e participou para fracassar...

— Eu falhei de propósito.

— O quê!?

— Eu poderia ter ficado na ponta dos pés o dia todo, mas... Eu entendi que, se falhasse, eu conseguiria o que eu... eu... eu quero para mim...

— Você me diz isso para que eu não aceite que você nunca vai ser uma excelente dançarina...

— Estou lhe dizendo isso porque é uma decisão minha. Você sabe por que, quando ensaiamos, eu peço para você cobrir os espelhos? Não é porque me desconcentro. É porque odeio ver a imagem daquela Miranda que não faz o que quer, que é uma marionete que você manipula, um corpo que só serve

para buscar a perfeição nos movimentos...

— A psicóloga implantou essas ideias em você e, claro, seu papai...

— Acabou, mãe. Depois de pensar muito, decidi que adoro dançar, mas, de agora em diante, vou dançar quando eu... eu quiser e só por prazer. Isso vai me ajudar a ser a verdadeira Miri, a me sentir feliz sendo Miri, a começar a gostar de ser Miri...

— Você não pode desperdiçar o esforço e o tempo que investimos!

— Esse é o resultado de tudo isso, mãe...

Ela está espantada, vejo em seus olhos. Ela não consegue deixar de ver o que eu quero que veja agora que levantei minha saia e revelei os ferimentos ainda visíveis em ambas as minhas pernas. Ela deve ter pensado que eu só fiz isso uma vez, mas agora não tem mais dúvidas de que há muito tempo, mesmo depois de me machucar no banheiro da escola, eu venho dedicando tempo também a dar forma à minha dor. Ela está quebrada, eu sei porque nunca vi a assim.

— Miri... Eu... Ahhhhhhhh!

Ela pega um par de sapatilhas de ponta e o joga no espelho. Ele quebra e ela se joga no chão. Um caco se aloja em sua mão, e agora tem um ferimento como aqueles que eu precisava ver em mim mesma.

— O que você fez, mãe...?

— Não se preocupe, não é profundo... Miri... Se

eu quebrei o espelho não foi por raiva, foi fúria... Fúria contra mim mesma, porque só agora estou descobrindo quão longe eu te arrastei...

— Enrole este lenço na mão, está saindo muito sangue.

— Juro que nunca suspeitei que estava te deixando doente, muito pelo contrário... Tudo o que eu queria era o melhor para você, filha.

— Você nunca me perguntou se eu achava que ser dançarina profissional era a melhor coisa para mim...

— Eu queria ajudar você a conseguir o que eu nunca consegui.

— Você fez uma boa carreira e queria...

— Era mentira, Miri!

— Nunca fui a primeira bailarina do Teatro Argentino. Desde que entrei para o balé fixo, faço parte do conjunto...

— E as fotos e vídeos como solista que você vem me mostrando...?

— Elas fazem parte dessa mentira, Miri. O diretor do balé me escolheu para ensaiar o papel principal da bailarina estrangeira que eles contratavam a cada temporada ou da bailarina fixa. Elas só faziam o último ensaio geral. Quando cheguei a certa idade e não pude mais cumprir o que me era pedido, fui substituída por alguém muito mais jovem do que eu. Eu sempre fui a sombra das consagradas!

— Então não foi sua decisão deixar o balé...

— Eles revogaram meu contrato. Então tive um tempo que nunca tive antes. Eu me casei, vocês três nasceram, e aqui estou eu, uma professora que jurou que suas filhas não seriam sombras de ninguém. Falhei em acreditar que você naturalmente amava dançar e em projetar em vocês essa necessidade de ter sucesso,

custe o que custar, sem entender que, para concluir esse projeto, me transformei em uma... tirana.

— Queria dizer que não é esse o caso, mas a realidade é que a professora comeu a mãe de três filhas, e ela se tornou uma verdadeira tirana...

— Como podemos curar as feridas que eu causei, Miri?

— Acho que elas vão fechar e virar cicatrizes. Com o tempo, podem sumir ou permanecerão lá, como as que tenho nas pernas, para evitar maiores danos aos outros ou a mim mesma...

— Filha... Eu te admiro pela sua força. Embora eu tenha sido uma tirana todos esses anos, eu fiz o que fiz por amor... Por você e por suas irmãs... Só que eu deveria ter demonstrado de outra forma...

— Ou me falar desse amor...

— Ainda dá tempo...? De curar feridas, de aprender com cicatrizes...

— Não sei... Tenho muito que curar... Mas sou sua filha, e nunca me esqueço disso. Preciso de você como minha mãe... Quero que você seja apenas minha mãe...

— E como eu começo? Como faço para que a professora fique bem longe da mãe?

— Você poderia ajudar com a minha cura... Pode ir comigo à terapia, esperar que eu saia da sessão ou entrar comigo, quando Verônica achar que é uma boa ideia...

— Buscarei minha própria ajuda, mas estarei ao seu lado quando você precisar...

— Você também pode aceitar que eu não quero mais pisar nesta academia... Aceitar que eu posso passar o tempo que quiser fazendo coisas que uma garota da minha idade faz, descobrindo como é ser uma adolescente que não é obrigada a realizar o sonho de outra pessoa, dançando livremente... Parece bom para você?

— Estou disposta a fazer isso... Lentamente... Estou disposta a aceitar isso e tudo que te faça feliz... E restaure sua saúde...

— Vamos assinar um contrato, então...

— Um contrato? Não entendi...

Afasto as cortinas que cobrem os espelhos. Ligo o alto-falante do salão. Conecto-o ao meu celular e procuro uma das minhas playlists com músicas dos anos oitenta. Ela olha para mim, sem entender — e eu também não quero explicar. Mas acabei de descobrir uma maneira de selar este acordo entre mãe e filha.

No salão se ouve *The Time of My Life*, do filme *Dirty Dancing*.

Now I've had the time of my life...

— Isso é de quando eu era alguns anos mais velha que você, Miri!

Yes, I swear, it's the truth...

— Vamos dançar... Nós duas... Sem respeitar os passos... Não dite como nos movemos..

And I owe it all to you...

— Vamos aonde a música nos levar... É isso aí, mãe!

'Cause I've had the time of my life...

— Não vamos procurar a perfeição... Vamos aproveitar... juntas... girando... pulando...

And I owe it all to you ...

— Segure minhas mãos, mãe. Não me solte e eu não vou te soltar! Vamos dançar assim... Nós duas, juntas.

42

CRISTABEL

Duas semanas atrás, meu celular me acordou às três e pouco da manhã.

Ligaram do asilo: Adela Llosa tinha morrido.

Meu velho cuidou de tudo.

No cemitério só estávamos ele, Bru e eu (os outros não conseguiram convencer alguém a levá-los ao enterro de uma senhora que eles nem conheciam).

Adela continuou ao lado da mamãe.

Voltamos em silêncio. Meu pai estava dirigindo, eu estava no banco do passageiro e Bru estava atrás.

Ficamos sem dizer nada até que, de repente, ele falou:

— Crista, o que você acha de viajarmos como antes? Eu já te sugeri e você disse que não, mas...

Interrompi-o com uma resposta que o surpreendeu:

— Tudo bem com a viagem, mas a Bru tem que vir com a gente.

Não sei dizer quando, mas em algum momento decidi devolver a Bru seu visto para visitar o planeta Cristabel. Também sentia que esse mundo estava começando a

se expandir para que outros pudessem adentrá-lo e nele ficar (Miri, Ta e Lio já tinham cidadania).

Agora estou no meu quarto.

Acabei de ir para a cama.

Deitada, penso no que fazer.

Esta tarde, depois de passar algum tempo conversando com Arnold nas escadas do corredor, voltei para casa com a cabeça um tanto iluminada. Estávamos conversando sobre Cyrano: sobre como ele estava apaixonado por Roxana, mas não contou a ela; e sobre como ela, acreditando que o narigudo era um confidente, contou a ele sobre o homem que amava.

O mesmo que acontecia com Mirko e eu! Algo que Lio me apontou e que, em vez de analisar na hora, preferi fingir que não entendia.

Eu paro de andar em círculos e tomo uma atitude.

Pego o celular que está na mesinha de cabeceira e envio uma mensagem sem rodeios.

Mirko, somos mais que amigos 😏

Mais que amigos como...? 😏

assim tipo namorados

Eu me sinto péssima.

Ele demora muito para me responder.

Mas, finalmente, sua resposta chegou.

acho que sim

eu gosto de você 😊

desde o fundamental!!!!

eu não sei como é o amor, mas acho
que deve ser o que sinto neste momento 😊

Então, ele me envia uma pergunta:

e o que você acha?

o mesmo que você

conversaremos sobre isso quando voltarmos

é bom ter um Mirko como você 🍷🍷🍷

Estou ansiosa. Não tenho mais problemas para dormir rapidamente, vou apenas pegar uma barra de chocolate na mesinha de cabeceira.

E não me irrita com o que acontece em seguida.

Mirko me envia algo que o expõe como um grande golpista.



Uma após a outra as fotos começam a chegar no meu WhatsApp.

São como fotos de uma modelo!

Aquelas que ele tirou de mim para ver se fotografia profissional era a sua praia. Se os quatro bandidos não tivessem aparecido naquela tarde e eu tivesse conseguido tirar a câmera de Mirko, tenho certeza de que teria descoberto que ele nunca as apagou, como me garantiu que fez.

Não consigo evitar o riso.

Eu rio da mentira de Mirko porque, olhando as fotos, de repente percebo que gosto do meu corpo baixo em forma de 8. *Combina comigo. Eu admito. Acho que não preciso de dieta... Como disse Bru, é questão de me ver como uma obra de arte colorida para começar a brilhar...*

43

MIRANDA

— Galo...

— Oi, Miri... Antes que você diga, eu digo: eu sou um babaca... Nós nos encontramos ao meio-dia no refeitório da escola, mas não achei nada para ocupar minha cabeça, então estou te ligando ...

— Você está me ligando porque está entediado...

— Isso te incomoda? Você quer que eu desligue...? Não responda. Lembre-se de que sou fraco de coração e, se você disser que sim...

— Onde você está?

— Acabei de sair da academia e estou indo para casa. E você?

— Na academia da mamãe. Vim direto da escola porque não queria que me visse aqui. Ela chega mais tarde...

— Você me disse que não voltaria para a academia. Você se arrependeu da decisão?

— Não tem nada a ver, Galo! Vim pegar algumas coisas que estavam no meu armário. Não quero nada meu aqui.

— Ah, bem... Agora eu vou desligar e... Não, espere... Eu sou um idiota! Esqueci de te contar o que eu tinha para te contar. É por isso que liguei...

— O que você vai inventar agora?

— Não é nada de mais... Acontece que, depois da ginástica, um dos meninos da turma... Jano Osorio... Disse que vai fazer aniversário neste sábado... O avô dele vai fazer um churrasco enorme e estamos todos convidados...

— Então... ?

— É ao meio-dia e... Não sei... Podemos ir... sabe... nós dois.

— Vamos...

— Sim...?

— Sim, Galo. Mas com uma condição...

— A condição que for, senhorita!

— Vamos nos encontrar mais cedo no Mil Delícias... Quero tomar um capucino. Se possível, melhor ainda, sem pagar nada. E se sua irmã não se ofender, porque eu mal tentei da outra vez, pergunte se ela pode fazer o brownie de chocolate...

— Já estou anotando seu pedido, senhorita. No sábado, por volta das onze, sirvo tudo isso para você.

— Ótimo, Galo. Então continuamos conversando...

— Amanhã antes do início das aulas e durante os intervalos. E, por favor, deixe uma hora livre para

que possamos continuar conversando também...
Tchau, Miri.

Galo me deixa com um sorriso. Eu vejo nos espelhos do salão. Não sinto mais tanto ódio quando olho para meu reflexo. Este salão! Passei mais tempo aqui do que em casa, mas não vou sentir falta desse lugar de jeito nenhum. Tiro tudo do meu armário e, no final, restam as sapatilhas de ponta. Devo deixá-las aqui? Não, eu vim para garantir que nada meu fique neste lugar. Pego-as e vou embora sem olhar para trás. Tem um recipiente no canto: jogo as sapatilhas fora e continuo meu caminho. Sinto que hoje sou um pouco mais a nova Miri que comecei a ser.

44 CRISTABEL

Avisam que em 15 minutos o embarque vai começar.
Papai e Bru estão no café. Ele faz um sinal de
ok com a mão e ela me manda um beijo.

Eu tenho tempo.

Aproveito a oportunidade para enviar algumas
mensagens de despedida.

Como sempre, o primeiro a responder é Lio:

Uau, q seja di-vi-na-men-te di-vi-no, querida!!! 🌸 🤪

A próxima é Miri.

aproveite crista

Ta responde com atraso:

✈️ 🌐 Te desejo uma ótima viagem

Agora eles avisam que haverá um atraso. Falta
meia hora para embarcarmos.

*Meu Deus... É por isso que dizem que os aviões são a
maneira mais rápida de chegar atrasado a qualquer lugar!*

Não consigo pensar em nada para fazer até que anunciem outro atraso.

Crio um perfil no Insta.

@cristabel_em_viagem acaba de nascer.

Zero postagens, zero seguidores, zero seguindo.

Sigo Mirko e o pessoal da oficina.

Preciso de um primeiro post. Aqueles que querem me seguir tem que entender como as coisas vão acontecer.

Tiro uma selfie que mostra que estou no aeroporto usando uma mochila de viagem.

Carrego a foto.

Digito a legenda:

cristabel_en_viaje hoje continuo uma viagem que comecei há pouco tempo! 😊 Aguarde as lives e os posts no feed para saberem mais 📷 vamos visitar vários países, mas certamente as primeiras fotos serão das obras de arte vivas que a namorada do papai (Bru ❤️) vai apresentar no festival mundial de bodypainting que acontece na áustria 🤗 🤗 🤗

Publico o post.

Escolhi uma única hashtag inaugural para o perfil:

#EstaÉMinhaParteFavoritaDaVida



OS AUTORES

Fabián Sevilla

Nasceu em 1970 em Mendoza, na Argentina, onde mora atualmente. É escritor de livros de contos, romances, peças de teatro e roteiros de histórias em quadrinhos. Publicou em editoras da Argentina e de outros países, como Chile, México, Colômbia, Costa Rica e Estados Unidos. Com seu romance *El viernes que llovió un circo*, ganhou o prêmio El Barco de Vapor 2013. Colaborou em diversas publicações para meninos e meninas (*Billiken*, *Imaginaria*, *Alfabeto*) e, desde 2010, ministra oficinas de leitura e escrita para crianças e adultos.

Gabriela Piserchia

Gabriela é designer de roupas e ilustradora. Seus trabalhos de ilustração foram publicados em mídia impressa e na internet. Participou de exposições na Argentina e no exterior e trabalha com diversas técnicas, como desenho, pintura, colagem, bordado e intervenções murais.

📧 @gabipiserchia



Cristabel e Miranda enfrentam a pressão social e as influências do ambiente em que vivem na busca pela construção de suas identidades. Para isso, confiam em suas emoções como guia. É em um ateliê de arte que elas se encontram, e, a partir desse espaço de expressão e troca, passam a se apoiar mutuamente na difícil tarefa de se reconhecerem, descobrirem quem são e definirem os caminhos que desejam seguir em suas vidas.

Quero



9 786583 704016